UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

WESLEY NASCIMENTO DOS SANTOS

TIPOLOGIA DE CAUSATIVOS EM UM GRUPO DE LÍNGUAS PANO

CAMPINAS/SP
2018

WESLEY NASCIMENTO DOS SANTOS

TIPOLOGIA DE CAUSATIVOS EM UM GRUPO DE LÍNGUAS PANO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pelo aluno Wesley Nascimento dos Santos e orientada pelo Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori.

CAMPINAS/SP
2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 130913/2016-2

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

Santos, Wesley Nascimento dos, 1994-
Sa59t Tipologia de causativos em um grupo de línguas Pano / Wesley Nascimento dos Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Angel Humberto Corbera Mori.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua pano. 2. Gramática comparada e geral - Morfologia. 3. Gramática comparada e geral - Sintaxe. 4. Gramática comparada e geral - Caso. 5. Tipologia (Linguística). I. Corbera Mori, Angel Humberto, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Typology of causatives in a group of Panoan languages
Palavras-chave em inglês:
Panobo language
Grammar, Comparative and general - Morphology
Grammar, Comparative and general - Syntax
Grammar, Comparative and general - Case
Typology (Linguistics)
Área de concentração: Linguística
Titulação: Mestre em Linguística
Banca examinadora:
Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]
Cláudio André Cavalcanti Couto
Gláucia Vieira Cândido
Data de defesa: 16-03-2018
Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Angel Humberto Corbera Mori

Cláudio André Cavalcanti Couto

Gláucia Vieira Cândido

IEL/UNICAMP
2018

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA – Sistema de Gestão Acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Estou em débito com Deus por mais uma etapa cumprida com Sua ajuda.

Agradeço eternamente a minha família pela paciência, compreensão por estar longe durante anos, por vezes, e por sempre acreditar e investir na minha formação, na medida do que estava ao seu alcance. A cada um de vocês, meu grande respeito e amor.

A meu Professor e Orientador no IEL/UNICAMP, Dr. Angel Mori, pela sua orientação e apoio de sempre.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa mensal [Processo n° 130913/2016-2] para suprir parte das minhas necessidades como estudante.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do IEL pelo auxílio para participar da V edição do CIELLA, em Belém/PA, no ano de 2016, quando pude apresentar alguns resultados deste trabalho.

A meus Professores do IEL/UNICAMP, em especial, Dr. Angel Mori, Dra. Filomena Sandalo e Dr. Wilmar D'Angelis.

A Bushe Matis, sua esposa, Tupa Matis, e sua mãe, Tumã Matis, pelas seções divertidas de coleta de dados em Anápolis/GO.

A minha banca de defesa, formada pelo Dr. Cláudio Couto e pela Dra. Gláucia Vieira Cândido, bem como minha banca de qualificação, constituída pelo Dr. Cláudio Couto e Dra. Maria Suelí de Aguiar. Suas contribuições tornaram esse trabalho melhor do que a versão que lhes apresentei.

A meus amigos em Campinas/SP, Fernanda, Raphael, Marcelo, Paulo H. Silva, Rafael Paião, Rebecca e Sâmela. A vida em Campinas sem vocês seria tão sem graça.

A meus amigos de vida, Dennis, Gláucia e Henryque, com quem posso sempre contar.

A meus colegas de classe no IEL/UNICAMP, Fernanda, Sâmela, Denise, Pablo, Aryanne, Osmar, Jackeline, Paulo H. Pereira, Erick e Beatriz, pelos debates em sala de aula e troca de experiências sobre seus trabalhos.

E, claro, sempre estarei em débito com minha esposa, Priscila Dias. Obrigado pelo suporte, pela coragem de enfrentar todos os meses distantes e por segurar a barra que é a saudade até o momento em que eu voltava para você.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentamos uma tipologia de causativos com base em 12 línguas Pano: Arara/Shawã, Chácobo, Capanahua, Kashibo-Kakataibo, Cachinawa, Matis, Matses, Saynáwa, Shanenawa, Shipibo-Konibo, Yaminahua e Yawanawá. Esse fenômeno tem sido objeto de estudos em várias correntes do campo da Linguística, provavelmente pelos aspectos que o envolvem: um processo sintático ou morfológico guiado, às vezes, pela semântica (HASLPEMALTH e SIMS, 2015). Nossos dados provêm de gramáticas de autoria de pesquisadores que conduziram trabalho de campo com Kashibo-Kakataibo (ZARIQUIEY, 2011), Cachinawa (CAMARGO, 2013), Matis (FERREIRA, 2005; SANTOS, 2017), Matses (FLECK, 2002; 2003), Shanenawa (CÂNDIDO, 2004), Shipibo-Konibo (VALENZUELA, 1997; 2002; 2003), Yaminahua (FAUST e LOOS, 2002) e Yawanawá (DE PAULA, 2004, 2008; SOUZA, 2013). Outras línguas consideradas neste trabalho são Arara/Shawã (CUNHA, 1993), Chácobo (ZING, 1998; TALLMAN, 2013a; TALLMAN, 2013b), Capanahua (LOOS e LOOS, 2003) e Saynáwa (COUTO, 2016). Embora estas últimas não tenham recebido alguma descrição sobre a causatividade, encontramos dados em dicionários e teses que nos possibilitam uma análise preliminar. Assumimos os princípios da Linguística Tipológica (GREENBERG, 1966, 1978; SHIBATANI e BYNON, 1995) como arcabouço teórico. Os aspectos formais dos causativos são considerados a partir de Comrie (1989) e Dixon (2000). Veremos que todas as 12 línguas do nosso *corpus* são descritas com o causativo do tipo morfológico; (5) têm o causativo lexical e três (3) línguas foram descritas com o causativo perifrástico. Ademais, este trabalho confirma somente em partes a noção de causativos direto e indireto, bem como a correlação de que o tipo direto é expresso por meio do causativo lexical, enquanto o tipo indireto é codificado pelos causativos morfológico e perifrástico (SHIBATANI e PARDESHI, 2002). Isso não é completamente confirmado em nosso *corpus*, dado que encontramos línguas codificando a noção direta de causatividade ou morfologicamente ou via raízes verbais supletivas, e outras com o tipo indireto codificado em perífrases.

Palavras-chave: Línguas Pano; Morfossintaxe; Causatividade; Linguística Tipológica.

ABSTRACT

In this dissertation, we present a typology of causatives based on 12 Panoan languages: Arara/Shawã, Chácobo, Capanahua, Kashibo-Kakataibo, Cachinawa, Matis, Matses, Saynáwa, Shanenawa, Shipibo-Konibo, Yaminahua e Yawanawá. This phenomenon has been object of many and diversified theoretical approaches within the field of Linguistics, probably because of its main aspects: a process either syntactic or morphological and sometimes guided by semantics (HASPELMATH & SIMS 2015). Our data comes from descriptions made by researchers who have worked on Kashibo-Kakataibo (ZARIQUIEY 2011), Cachinawa (CAMARGO, 2013), Matis (FERREIRA 2005; SANTOS, 2017), Matses (FLECK 2002, 2003), Shanenawa (CÂNDIDO 2004), Shipibo-Konibo (VALENZUELA 1997, 2002, 2003), Yaminahua (FAUST & LOOS 2002) and Yawanawá (DE PAULA 2004, 2008, SOUZA 2013). Other Panoan languages considered in this work are those that have not received any preliminary description about causativity; however we find data in dictionaries and thesis that make a preliminary analysis possible. In this case we have included Arara/Shawã (CUNHA 1993), Chácobo (ZING 1998, TALLMAN 2013a, TALLMAN 2013b), Capanahua (LOOS & LOOS 2003) and Saynáwa (COUTO 2016). We assume the principles of Linguistic Typology (GREENBERG 1966, 1978; SHIBATANY & BYNON 1995) as theoretical background. The formal aspects of causatives are considered based on Comrie (1989) and Dixon (2000). We will see that all those 12 languages have been described as having a morphological causative, while five (5) have been recognized as having lexical causatives and only three (3) have been considered to have the periphrastic type. Furthermore, this work confirms only partially the widespread notion of direct and indirect causatives, as well as the correlation that the direct type is expressed through the lexical causative, while morphological and periphrastic causatives codify the indirect one (SHIBATANI & PARDESHI 2002). This is not completely confirmed within our *corpus*, since we find languages codifying the direct notion of causativity either morphologically or via suppletive verbal roots, and others with the indirect type encoded in periphrases.

Keywords: Panoan languages; Morphosyntax; Causativity; Linguistic Typology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Trabalhos utilizados para a organização do *corpus*. 26
Tabela 2. Tipos de causativos em línguas Pano. 39
Tabela 3. Causativo morfológico em línguas Pano e seus respectivos morfemas. 44
Tabela 4. Causativo perifrástico em línguas Pano. 46
Tabela 5. Classe gramatical da palavra que recebe o causativo. 49
Tabela 6. Causativo perifrástico e classe gramatical ao qual se anexa. 52
Tabela 7. Relações gramaticais em causativas derivadas de intransitivas. 55
Tabela 8. Relações gramaticais em causativas derivadas de transitivas. 58
Tabela 9. Relações gramaticais de causativas derivadas de ditransitivas. 60
Tabela 10. Mecanismos de codificação do causativo indireto em línguas Pano. 63
Tabela 11. Exemplos de {-wa} anexado à raiz terminada em vogal. 81
Tabela 12. Exemplos de {-ma} anexado à raiz terminada em vogal. 81
Tabela 13. Mecanismos de codificação do causativo direto em línguas Pano. 88

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição territorial de povos falantes de línguas Pano do *corpus* selecionado. 17
Figura 2. Línguas Pano do *corpus* faladas no Brasil 18
Figura 3. Línguas Pano do *corpus* faladas na Bolívia. 18
Figura 4. Línguas Pano do *corpus* faladas no Peru. 19
Figura 5. Localização aproximada dos povos Tacana. 24

LISTA DE ABREVIATURAS[1,2]

A	agente
ABS	absolutivo
ACC	completo
ACH	concluído
ACOST	acostumado
Adj	adjetivo
ADV	advérbio
APL	aplicativo
AS/ASSE	asseverativo
ASP.INDF	aspecto indefinido
ASS	assertivo
ATR	atributivo
BEN	benefactivo
CAUS	causativo
CAUS.ASSO.SUP	causativo associativo supletivo
CAUS.DIR	causativo direto
CAUSER.NZR	causador nominalizador
CENTRF.PL	movimento centrífugo para o plural
Ceur	causador
COL	coletivo
COMP	completo
COMPL	completivo
CONTR.Ceur	ação sob controle do causador
CONTR.Exant	ação sob controle do executante
COP	cópula
CTF	centrífugo
DAT	dativo
DECL	declarativo
DEF	definido
DES	desiderativo
DIM	diminutivo
DISC.RAPP	discurso reportado
DTRNZ	detransitivizador
ERG	ergativo

[1] As abreviaturas utilizadas neste texto provêm das fontes dos dados que utilizamos.

[2] Algumas categorias foram incluídas em uma única entrada nesta lista. Dessa forma, por exemplo, as abreviaturas IMP, IMPF ou IMPER foram reunidas sob o rótulo de IMPERATIVO.

EMPH	enfático
ENL	morfema de ligação
EV	evidencial
Exant	executante
EXP	experiencial
FOC	foco
FREQ	frequentativo
GEN	genitivo
HAB	habitual
HEST	passado recente (hesternal)
I.SSSS	evento simultâneo, mesmo sujeito do predicado intransitivo da matriz
IMP/IMPF/IMPER	imperativo
IN	indireto
INAC/INC/INCON	incompleto
INDIC	indicativo
INFER	inferencial
INF	infinitive
INSTR	instrumental
INT	interrogativo
INTR/intr	intransitivo
Lit.:	literalmente
LOC	locativo
M	masculino
N	nome
NAR	narrativo
NEG	negativo
NMLZ.INS	nominalizador instrumental
NOM/NMLZ	nominalizador
non.prox	não.próximo
NP	nome próprio
NPAST/N.PASS	não passado
O	objeto
OBJ	objeto
OP	oração principal
OBL	oblíquo
p	pessoa
P	paciente (quando se tratar do Kaxinawá)
PARTAP	particípio de ação prévia e progressiva
PAS/PAST	passado
PAS2	passado hodierno

PAS4/PST4/REM.PAST	passado remoto
PASS.REC	passado recente
PL	plural
POSS/POS	possessivo
PP2	particípio passado
PROG	progressivo
PROJ	projetivo
PS	pronome singular
R	prefixo relacional
REC	recente
REC-O	argumento recipiente de construções ditransitivas
REP	repetitivo
S/SG	singular
Sa	sujeito intransitivo ativo
SDS	evento simultâneo, sujeito diferente
SN	sintagma nominal
sp	espécie (de)
SUJ	sujeito
SVintr.	intransitivo
T	transitivo
T.SSSA	evento simultâneo, mesmo sujeito do predicado transitivo da matriz
TEMP	temporal
THEM-O	argumento tema de construções ditransitivas
TNR	tempo não realizado
TR	tempo realizado
tr	transitivo
TRNZ	transitivizador
V	verbo
VBZR	verbalizador
1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
*	forma hipotética
**	agramatical
ø	morfema-zero
-	fronteira de morfema
=	clítico
~	variação fonética
S/A>A	sujeito/agente da oração não principal é agente na oração principal
S≠A	argumento único da principal diferente do agente da subordinada

A≠S[3]	argumento agente da principal diferente do argumento único da subordinada

[3] Camargo (2013, p. 28) não define o significado de A≠S. Inferimos, a partir do que a autora diz sobre S≠A, que A≠S possa ser “argumento agente da principal diferente do argumento único da subordinada”.

SUMÁRIO

Introdução 15
1.1 Família Pano 17
1.2 Orientação teórica 24
1.3 *Corpus* 25
1.4 Causatividade: aspectos formais e semânticos 26
1.4.1 Causativo direto *versus* indireto 27
1.5 Relações e funções gramaticais em línguas Pano 33
2 Tipos formais de causativos na família Pano 37
2.1 Causativo lexical 40
2.2 Causativo morfológico 43
2.3 Causativo perifrástico 46
2.4 Classe gramatical 48
2.5 Classe gramatical e causativo morfológico 49
2.6 Classe gramatical e causativo perifrástico 52
3 Relações sintáticas em orações causativas derivadas 55
4 Semântica das orações causativas: causativo direto e indireto em Pano 62
4.1 Causativo indireto 62
4.2 Causativo direto 87
CONCLUSÃO 100
REFERÊNCIAS 101

Introdução

Esta dissertação trata da causatividade, seus aspectos formais e semânticos em um *corpus* selecionado de línguas pertencentes a uma família linguística da América do Sul, a família Pano. Nessa família linguística, encontramos, por exemplo, línguas que foram descritas com três causativos de natureza formal diferentes, e, em algumas, como o Cachinawa, três mecanismos de natureza formal igual que expressam diferentes nuances na conceptualização de um evento causativo. Esses aspectos mostram um excelente campo de investigação na área da Linguística, em especial da literatura sobre línguas Pano, dada a lacuna de trabalhos com base no arcabouço da Linguística Tipológica sobre o fenômeno. Além disso, o cenário de diversidade estrutural de causativos em Pano encontra mais uma oportunidade para provar a hipótese de Shibatani e Pardeshi (2002), para os quais diferentes tipos de causativos estão distribuídos em um *continuum* que obedece a uma correlação semântico-formal.

Este capítulo introdutório traz em (1.1) algumas informações da localização, nível de vitalidade linguística e início dos trabalhos com línguas Pano, com um breve apanhado dos estudos comparativos, históricos e de reconstrução. Em (1.2), apresentamos a abordagem teórica adotada. Em (1.3) encontram-se informações sobre o *corpus* selecionado, enquanto (1.4) apresenta breves aspectos formais da causatividade. Já em (1.4.1) há a definição de causativos direto e indireto que será testada no capítulo final desta dissertação, quando verificarmos se a correlação entre causativo lexical/tipo direto de um lado, e causativo morfológico e perifrástico/tipo indireto, de outro, proposta em Shibatani e Pardeshi (2002), se sustenta ou não com os causativos das línguas Pano. Finalmente, (1.5) introduz o leitor em alguns aspectos básicos do padrão de alinhamento ergativo-absolutivo, utilizado pelas línguas Pano. Esse alinhamento é alcançado por meio de morfologia casual para expressar as principais relações gramaticais que os argumentos oracionais assumem. Acreditamos que isso será necessário para entender as mudanças que esses argumentos sofrem em orações causativas.

O capítulo (2) descreve os tipos formais de causativos que as 12 línguas Pano do nosso *corpus* apresentam. Neste capítulo, também identificamos a classe gramatical da palavra à qual o(s) mecanismo(s) de causatividade se anexa(m) para

derivar uma construção causativa. Os capítulos finais se dedicam às orações causativas propriamente ditas. Em (3) observamos as relações gramaticais nessas derivações e, em (4), aplicamos as noções de causativos direto e indireto e sua correlação com os tipos formais encontrados em Pano. Complementam o texto a conclusão e as referências utilizadas.

Com base em artigos publicados em periódicos especializados, dicionários, teses e dissertações de pesquisadores que trabalharam com as línguas[4] Arara/Shawã[5], Capanahua, Chácobo, Kashibo-Kakataibo, Cachinawa, Matis, Matses, Saynáwa, Shanenawa, Shipibo-Konibo, Yaminahua e Yawanawá foi possível, em alguns casos, identificar e descrever os mecanismos causativos que essas línguas apresentam com base numa tipologia formal. Essa tipologia classifica os causativos em lexical, morfológico e perifrástico, este último também denominado de sintático ou analítico por alguns teóricos.

Há casos em que a descrição dos causativos já se encontra disponível para algumas línguas, como nas gramáticas de Zariquiey (2011) sobre o Kashibo-Kakataibo; na gramática e capítulo de livro publicados por Fleck (2002; 2003) sobre o Matses; e a gramática e capítulo de livro de autoria de Valenzuela (2002; 2003) a respeito do Shipibo-Konibo. Também há para essas três línguas uma análise prévia da distribuição dos causativos com base na mesma noção de causativos direto e indireto que adotamos.

Quanto às demais línguas, Arara/Shawã, Capanahua, Chácobo, Matis, Shanenawa, Yaminahua e Yawanawá há uma breve descrição de instrumentos formais que codificam a causatividade. Nestes casos, não há, entretanto, a classificação formal desses instrumentos ou uma análise para a distribuição de tais. A respeito do Saynáwa, temos dados que foram utilizados para outros propósitos que não a análise da causatividade, neste caso, para a descrição da fonologia dessa língua.

Preencher algumas das lacunas apresentadas nesses trabalhos ao tipologizar os mecanismos causativos dessas línguas conforme a tipologia formal de causativos e oferecer uma hipótese para a distribuição desses mecanismos é o objetivo deste

[4] As grafias utilizadas para os nomes das línguas Pano e qualquer outra língua mencionada neste trabalho são exatamente aquelas utilizadas pelos autores das fontes das quais provêm nossos dados.

[5] No caso da língua conhecida por Arara da família Pano, como grafa Cunha (2004), ou Shawã, utilizado por Souza (2012), optamos por utilizar ambos, separados por uma barra, ou seja, Arara/Shawã.

trabalho. Além disso, oferecemos uma descrição e análise mais integradas e completas da causatividade à literatura Pano.

1.1 Família Pano

A família Pano é constituída por aproximadamente três dezenas de línguas (LOOS, 1999; RIBEIRO, 2006; FLECK, 2013) faladas por povos que habitam territórios da Bolívia, Brasil e Peru, sendo o Brasil o país onde encontramos a maioria. Neste, os povos Pano estão situados no oeste do Amazonas, todas as regiões do Acre e noroeste de Rondônia. Na Bolívia, estão localizados no departamento de Beni e, no Peru, são encontrados nos departamentos de Huánuco, Loreto, Madre de Dios e Ucayali.

Os territórios dos povos Pano falantes das línguas selecionadas para o *corpus* deste trabalho são dispostos na figura a seguir.

Legenda: Dep 'departamento'; **Fontes consultadas sobre a localização**: Vale do Javari (Ferreira, 2005); T.I Jaminawá do Igarapé Preto (Couto, 2015); T.I Katukina/Kashinawa (Cândido, 2004); Igarapé Humaitá (ISA, 2017); T.I Rio Gregório (ISA, 2017); Dep. Loreto (Fleck, 2003); Dep. Ucayali (Valenzuela, 2003, Zariquiey, 2011); Dep. Huánuco (Zariquiey, 2011); Dep. Madre de Dios (Valenzuela, 2003); e Dep. de Beni (Tallman, 2013a).

Figura 1. Distribuição territorial de povos falantes de línguas Pano do *corpus* selecionado.

A figura 2 apresenta as localizações aproximadas dos povos Pano no Brasil cujas línguas fazem parte do nosso *corpus*.

Legenda: mpq[6]: Matis; syn: Saynáwa; ara/shw: Arara/Shawã; ywn: Yawanawa; swo: Shanenawa; cbs: Cachinawa. **Fontes consultadas sobre a localização**: Matis (Ferreira, 2005); Saynáwa (Couto, 2015); Shanenawa (Cândido, 2004); Cachinawa (ISA, 2017).

Figura 2. Línguas Pano do *corpus* faladas no Brasil

Dos povos Pano situados na Bolívia, encontramos somente dados do Chácobo. As localizações do povo falante dessa língua são mostradas na figura 3.

Legenda: cao: Chácobo. **Fontes consultadas sobre a localização**: Chácobo (Tallman, 2013a).

Figura 3. Línguas Pano do *corpus* faladas na Bolívia.

[6] Para as línguas que dispõem de um código ISO 639-3, empregamos sua abreviatura por meio desse padrão. As línguas Saynáwa e Arara/Shawãdawa não possuem código ISO 639-3.

A figura a seguir mostra as localizações dos povos do nosso *corpus* que falam línguas Pano no Peru.

Legenda: cbs: Cachinawa; kaq: Capanahua; mcf: Matses; shp: Shipibo-Konibo; yaa: Yaminahua; cbr: Kashibo-Kakataibo.
Fontes consultadas sobre a localização: Cachinawa (ISA, 2017); Matsés (Fleck, 2003); Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003) e Kashibo-Kakataibo (Zariquiey, 2011).

Figura 4. Línguas Pano do *corpus* faladas no Peru.

A maioria das línguas Pano está em risco de extinção. Os fatores que têm conduzido os povos falantes dessas línguas a esse cenário geralmente dizem respeito ao intenso contato com a sociedade nacional e a migração de alguns membros para as cidades próximas as suas aldeias, situação que se estende à maioria dos povos indígenas no Brasil, onde 40% dos indígenas estão nas cidades (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

O primeiro trabalho publicado sobre Pano é de la Grasserie (1890), apresentado em 1888 no *Congresso dos Americanistas*. O autor apresenta alguns dados de natureza etnográfica e léxico-gramatical referente a adjetivos, pronomes, verbos, nomes e uma comparação fonético-fonológica sobre algumas línguas Pano do Peru. Essas línguas são chamadas pelo autor de *Pano, Mayoruna Domestica, Mayoruna Fera, Maxuruna, Caripuna, Culino, Conibo* e *Pacavara*. Diante da semelhança que esse conjunto apresenta, la Grasserie não tem dúvidas de que

essas línguas descenderam de um ancestral comum, o que lhe permite agrupá-las na *famille linguistique Pano* (LA GRASSERIE, op. cit., p. 438).

Está inaugurado, assim, o início dos trabalhos com línguas Pano. A literatura produzida sobre essas línguas é geralmente dividida em três fases (FLECK, 2013; VALENZUELA e GUILLAUME, 2016): (1) aquela dos missionários e exploradores-viajantes; (2) a de missionários-linguistas membros do *Summer Institute of Linguistics* (SIL); e (3) a de pesquisadores-linguistas, em geral, formados em universidades dos países onde as línguas Pano são faladas.

Missionários jesuítas e exploradores-viajantes espanhóis foram provavelmente os primeiros a fazerem contato com povos Pano no século XVII, especificamente com aqueles que habitavam, à época, as margens do rio Ucayali, e que hoje são os ancestrais dos Shipibo-Konibo, Shetebo e Capanahua (cf. FLECK, 2013, para uma revisão crítica e detalhada da bibliografia Pano dessa época). No mesmo século, os franciscanos entram em contato com esses povos, o que perdura até 1821, quando da independência peruana.

Com a independência do Peru e a saída dos franciscanos do país, o século XIX marca a literatura Pano com registros de naturalistas e viajantes. Dentre esses trabalhos, encontra-se o já mencionado de la Grasserie (1890 [1888]).

A primeira metade do século seguinte continua com alguns trabalhos de exploradores de áreas como Botânica e Etnologia, a exemplo de Günter Tessmann (TESSMANN, 1999 [1930]) e Paul Rivet (RIVET, 1910), bem como Capistrano de Abreu (ABREU, 1914). Além disso, ainda conta com religiosos, como o padre Constantin Tastevin (RIVET e TASTEVIN, 1927).

A partir da década de 40, inicia-se a atuação maciça de instituições religiosas, cujo principal objetivo era e ainda é a tradução do Novo Testamento para as línguas dos povos com os quais travaram contato. O principal expoente dessa época é o SIL, com permissão de atuação em comunidades indígenas por meio de acordo firmado com instituições de pesquisa do Brasil. Em troca, o SIL disponibilizaria alguns de seus missionários-linguistas para a formação de pesquisadores nesse campo no Brasil (cf. SEKI, 1999, para uma revisão mais detalhada). A produção dessa época se restringe a listas de palavras, dicionários, textos religiosos bilíngues em língua indígena e Português ou Espanhol e notas gramaticais.

Ainda no final do século XX, surgem descrições linguísticas modernas, sejam completas ou parciais, sob a autoria de linguistas formados no Peru ou no Brasil. Boa parte desses trabalhos, resultantes de pesquisa de campo, descreve aspectos da fonologia e morfossintaxe de línguas Pano. Dentre eles, encontram-se: Arara/Shawã (CUNHA, 1993; SOUZA, 2012), Capanahua (ELLÍAS-ULLOA, 2006), Kashibo (ZARIQUIEY, 2011), Cachinawa (CAMARGO, 1991), Katukina (AGUIAR, 1994), Kaxarari (SOUSA, 2004), Marubo (COSTA, 2000), Mastanawa (SILVA, 2013), Matis (FERREIRA, 2001, 2005; SPANGHERO, 2000), a variedade Matses falada no Peru (FLECK, 2003), a variedade Matses falada no Brasil (CARVALHO, 1992), Poyanawá (DE PAULA, 1992), Saynáwa (COUTO, 2010, 2015), Shanenawa (CÂNDIDO, 1998, 2004), Shipibo-Konibo (ELLÍAS-ULLOA, 2006; VALENZUELA, 1997, 2003), Yaminahua (CRUVINEL, 2013) e Yawanawá (GARCIA, 2002; DE PAULA, 2004; SOUZA, 2013).

Ainda continuam incipientes, na literatura Pano, trabalhos tipológicos, acústicos e prosódicos. Podemos citar, entretanto, as recentes contribuições de Barbosa (2012) e Guillaume (2016) para trabalhos de natureza linguístico-tipológica; Lanes (2005) e Ellías-Ulloa (2006) para trabalhos de fonética acústica; e González (2003a), suas publicações em periódicos (GONZÁLEZ, 2003b, 2005a, 2005b, 2016), Couto (2016) e Tallman (2016) para os trabalhos que tratam da prosódia.

Ademais, projetos de documentação linguística digital com línguas Pano, em especial as faladas no Brasil, ainda estão por se fazer[7]. Isso se justifica principalmente pela condição de baixa vitalidade de várias dessas línguas, que estão em perigo de extinção nas próximas décadas. Essa tabela pode ser revertido com a produção de enciclopédias digitais, registros da cultura material e verbal desses povos em alta qualidade com ampla distribuição para as comunidades e arquivadas em mídia digital etc., como têm sido feito pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), em Belém/PA, e o Museu do Índio, no Rio de Janeiro/RJ, com diversos povos indígenas do Brasil.

[7] Os projetos de documentação de que temos conhecimento até o momento são os de Eliane Camargo e seu grupo em parceria com o povo Cachinawa, e que conta com apoio da Fundação Volkswagen, por meio do projeto *DoBeS: Documentation of Endangered Languages*; também o trabalho de Lívia C. da S. T. de Souza com o povo Yawanawa no âmbito do PRODOCLIN (Projeto de Documentação de Línguas Indígenas), financiado pelo Museu do Índio do Rio de Janeiro em parceria com outras instituições. Ademais, no site do PRODOCLIN, o povo Pano Shawãdawa, conhecido também como Arara ou Shawã, localizado no Acre, está na lista dos povos que contam com documentação atualmente. Essa, no entanto, é a única informação a respeito e não podemos confirmar qual a situação desse trabalho no momento ou quem coordena o projeto.

Os primeiros estudos comparativos sobre Pano remontam a la Grasserie (1890 [1888]). Em seguida, surgem os trabalhos de Créqui-Monfort e Rivet (1913), que identificam línguas Pano faladas na Bolívia, com algumas notas gramaticais; e Brinton (1891, p. 289-292) sobre 18 línguas Pano faladas no Peru.

Quanto às classificações internas, as primeiras foram baseadas em critérios estritamente geográficos (BRINTON, 1891; RIVET, 1910; SCHMIDT, 1926; RIVET e TASTEVIN, 1927; LOUKOTKA, 1942; MASON, 1950; RIVET e LOUKOTKA, 1952, p. 673-676; McQUOWN, 1955).

Esse cenário começa a mudar com a classificação de Oliver Shell, apresentada na sua tese doutoral de 1965, publicada em Espanhol sob o formato de livro com primeira edição em 1975, e segunda edição, em 1985. Esse trabalho, de cunho histórico-comparativo, propõe uma classificação estritamente linguística. No entanto, face à escassez de descrições das línguas Pano setentrionais, as quais a literatura só passou a conhecer a partir do século seguinte, como Matses e Matis, o trabalho apresenta limitações naturais à época.

Após Shell (1965), encontraremos classificações internas levadas a cabo pelos aportes da Cladística, especificamente o método léxico-estatístico (d'ANS, 1973, 1975; LANES, 2005), glotocronológico (RIBEIRO, 2006) e filogenético (ZARIQUIEY et al., 2017). Métodos estritamente linguísticos são encontrados em trabalhos que consideraram critérios léxico-gramaticais (LOOS, 1999), "traços linguísticos compartilhados" (VALENZUELA, 2003), "similaridade linguística relativa" (FLECK, 2013) e "semelhança léxico-fonológico-gramatical" (VALENZUELA e GUILLAUME, 2016), enquanto o método histórico-comparativo foi aplicado por Oliveira (2014).

Já os estudos de reconstrução de aspectos gramaticais do Protopano, a língua que deu origem às línguas Pano modernas, ainda são poucos, como o de Shell (1965), que foi além da sua classificação genealógica. Considerando os dados de sete (7) línguas Pano e mais 25 línguas como suporte para os cognatos reconstruídos, Shell (1975 [1965]) reconstrói 512 protoformas do *Pano Reconstruído* (PR), título modesto para sua proposta de protolíngua. Esse trabalho também conta com a reconstrução do sistema fonológico do PR, aspectos do seu padrão tonal e acentual, estrutura silábica e alguns protomorfemas de categorias verbais, como um marcador de transitividade {*-mã}.

Também Loos (1978 [1973a], 1985 [1973b], 1985 [1973c], 2005) intentou a reconstrução de partes da morfossintaxe, com propostas para os marcadores de sujeitos transitivos (1978 [1973a]), morfema reflexivo (1985[1973b]), ordem de constituintes SOV, marcador de transitividade, sistema de marcação casual de ergatividade cindida, prefixos de parte do corpo com função oblíqua e morfemas de categorias verbais (2005).

Propostas de reconstrução gramatical também são encontradas em Valenzuela (2003), que descreve um sistema de marcação de caso tripartido; Zariquiey (2006), que reconstrói o sistema pronominal com uma distinção gramatical entre a 1° pessoa do plural inclusivo e exclusivo; e Barbosa (2017), quanto a uma proposta histórica para a origem de sincretismo dos marcadores casuais de ergativo, instrumental, possessivo e locativo.

Por sua vez, Oliveira (2014) retoma a empreitada de Shell (1965) ao comparar 19 línguas Pano. Além da reconstrução dos protofonemas /*ɽ/, /*ʦ/ e /*h/, que não estavam em Shell, são reconstruídos protomorfemas casuais de ergatividade {*-Vr} e genitivo-locativo-instrumental {-*Vn}. Ademais, encontramos também a reconstrução de vocabulário básico e sistema fonológico em Santos e Cândido (2015). Reconstruções de aspectos fonológicos de algumas línguas também foram apresentadas recentemente, como Barbosa (2015) sobre o Kasharari, e Santos (2017b) para o Arara/Shawã.

Há de se ressaltar as propostas de parentesco da família Pano com outras famílias linguísticas. Na literatura, encontram-se hipóteses de filo Pano-Tacana (SCHULLER, 1933), que estaria relacionado ao filo Carib-Aruác, e de filo Pano-Tacana, derivado do superfilo Jê-Pano-Carib (GREENBERG, 1987), ambas abandonadas.

Vários autores defendem uma unidade genética entre Pano e Tacana, com alguns mais cautelosos, que sublinham que esse parentesco ainda não está devidamente comprovado (cf. VALENZUELA e GUILLAUME, 2016 para detalhes e cronologia dos trabalhos que reconhecem parentesco entre Pano, Tacana e outras famílias). A família Tacana é composta por cinco (5) línguas, Cavineña, Araona, Ese Ejja (ou Esa Eja), Reyesano (ou Maropa) e Tacana. Com exceção do Esse Ejja, que também tem falantes em território peruano (VUILLERMET, 2012, p. 71), as demais são faladas na Bolívia. A figura 5 a seguir dispõe a localização das línguas Tacana.

Fontes para localização dos povos Tacana: Araona (Enkow, 2012, p. 155); Ese Ejja (Portachuelo) e Ese Ejja (Peru) (Vuillermet, 2012, p. 71); Cavineña (Guillaume, 2012, p. 115); Reyesano (Maropa) (Guillaume, 2012, p. 191); e Tacana (Ottaviano e Ottaviano, 1965, p. 309).

Figura 5. Localização aproximada dos povos Tacana.

Esse ceticismo, da relação entre as famílias Pano e Tacana, é perfeitamente compreensível quando se sabe que somente os trabalhos de Key (1968 [1963]) e Girard (1971) se dedicaram a comprovar a origem comum dessas duas famílias linguísticas. Acrescente-se ainda que essas reconstruções são limitadas, principalmente pela falta de dados de outras línguas que hoje sabemos serem indispensáveis na proposição de qualquer trabalho de natureza histórica sobre Pano. Desse modo, ainda encontra-se aberta uma proposta de parentesco que considere todos os dados linguísticos e etno-históricos que temos sobre as famílias Pano e Tacana.

1.2 Orientação teórica

Adotamos os princípios básicos da Linguística Tipológica delineados em Greenberg (1966, 1978) e Shibatani e Bynon (1995) como referencial teórico para este trabalho. Em se tratando de um processo com consequências sintáticas, lançamos mão da noção de papéis semânticos e funções sintáticas descritas em Givón (2001), Comrie (1989) e Creissels (2006).

Dado o acréscimo de um novo participante à estrutura argumental do verbo e, consequentemente, a derivação de um verbo transitivo ou ditransitivo, como no caso de causativos de intransitivos e transitivos, respectivamente, a noção de valência é essencial neste trabalho. Neste sentido, empregamos a definição de Creissels (2006). Ademais, a causatividade propriamente dita é definida conforme Haspelmath e Sims (2010). Seus aspectos formais são considerados com base em Comrie (1989) e Dixon (2000), enquanto sua distribuição semântica se sustenta na noção de causativos direto e indireto de Shibatani e Pardeshi (2002).

1.3 *Corpus*

A literatura Pano sobre causatividade é formada basicamente por seções de teses, dissertações e dicionários, de capítulos de livros e artigos científicos. Utilizamos esse material como *corpus* para o nosso trabalho. É importante sublinhar que tentamos ser o mais exaustivo possível quanto ao material existente até o presente momento sobre esse fenômeno na literatura Pano. A tabela 1 a seguir mostra as referências a partir das quais construímos nosso *corpus*.

Línguas	**Referência**	**Natureza do trabalho**
Arara/Shawã	Cunha, 1993	dissertação de mestrado
	Souza, 2012	tese doutoral
Chácobo	Zingg, 1998	dicionário com esboço gramatical
	Tallman, 2013a	comunicação pessoal
	Tallman, 2013b	comunicação pessoal
Capanahua	Loos e Loos, 2003 [1998]	dicionário
Kashibo-Kakataibo	Zariquiey, 2011	tese doutoral/gramática
	Zariquiey, 2012	artigo científico
Cachinawa	Camargo, 2013	artigo científico
Matis	Ferreira, 2005	tese doutoral
	Santos, 2017a	artigo científico
Matses	Fleck, 2001	artigo científico
	Fleck, 2002	capítulo de livro
	Fleck, 2003	tese doutoral/gramática
Saynáwa	Couto, 2015	tese doutoral
Shanenawa	Cândido, 2004	tese doutoral
	Santos, 2016	artigo científico
Shipibo-Konibo	Valenzuela,1997	dissertação de mestrado
	Valenzuela 2002	capítulo de livro
	Valenzuela, 2003	tese doutoral/gramática
Yaminahua	Faust e Loos, 2002	gramática

	De Paula, 2004	tese doutoral
Yawanawa	De Paula, 2008	artigo científico
	Souza, 2013	dissertação de mestrado

Tabela 1. Trabalhos utilizados para a organização do *corpus*.

Devemos notar que os dados que utilizamos e que são provenientes das seguintes línguas e referências foram, em graus diferentes de extensão, também utilizados por esses autores para tratar da causatividade, como Cachinawa (CAMARGO, 2013), Kashibo-Kakataibo (ZARIQUIEY, 2011), Matis (FERREIRA, 2005; SANTOS, 2017a), Matses (FLECK, 2001, 2002, 2003), Shipibo-Konibo (VALENZUELA, 1997, 2002, 2003), Shanenawa (CÂNDIDO, 2004; SANTOS, 2016), Yaminahua (FAUST e LOOS, 2002) e Yawanawá (DE PAULA, 2008; SOUZA, 2013).

Já as seguintes línguas e referências a partir das quais também construímos nosso *corpus* não se debruçaram sobre a causatividade. Utilizamos esses dados na medida em que nos permitiram identificar e descrever esse fenômeno a partir dos exemplos que trazem. Neste caso, incluem-se as línguas Capanahua (LOOS e LOOS, 2003 [1998]), Arara/Shawã (CUNHA, 1993), Saynáwa, (COUTO, 2015), Chácobo (ZINGG, 1998; TALLMAN, 2013a; TALLMAN, 2013b) e Yawanawá (DE PAULA, 2004).

Ademais, é importante mencionar que a abordagem teórica que adotamos nesta dissertação, a Linguística Tipológica, também é utilizada pelos trabalhos que tiveram como foco as línguas Cachinawa, Kashibo-Kakataibo, Matis, Matses, Shipibo-Conibo, Shanenawa, Arara/Shawã e Yawanawá. A noção de causativos direto e indireto também é vista nos trabalhos com Kashibo-Kakataibo, Matses, Shanenawa (SANTOS, 2016) e Shipibo-Conibo.

1.4 Causatividade: aspectos formais e semânticos

A causatividade é prototipicamente definida como um processo morfológico que introduz um novo argumento na função de agente. Esse processo, obtido pela afixação de morfemas ou mudanças fonológicas na base verbal, caracteriza o tipo mais comum de causativo, o morfológico (DIXON, 2000, p. 30-83).

No entanto, também são reconhecidos como causativizadores alguns instrumentos menos comuns. Neste caso, encontramos raízes supletivas transitivas

que, semanticamente, são a contraparte causativa das raízes intransitivas. Esse tipo de causativo tem sido chamado de lexical em Shibatani e Pardeshi (2002, p. 85).

Outro mecanismo causativo é uma construção analítica formada por verbo principal e uma forma verbal independente que, geralmente, tem o significado de "fazer, levar a, forçar a, dizer". Esse causativo é chamado de analítico, sintático ou perifrástico em Comrie (1989) e Shibatani e Pardeshi (2002, p. 85).

1.4.1 Causativo direto *versus* indireto

Shibatani e Pardeshi (2002, p. 85-126) propõem que causativos lexical, morfológico e perifrástico façam parte de um *continuum* com extremidades que se dividem em direto e indireto.

Prototipicamente, o tipo direto se correlaciona, entre outros aspectos, com um causado paciente e é o menos produtivo na língua, enquanto o tipo indireto tem um causado com traços semânticos e morfossintáticos de agente, e é o mais produtivo.

Antes de tudo, um parêntese para o que os autores querem dizer com "mais ou menos produtivo". Produtividade em Shibatani e Pardeshi (2002) deve ser entendida a partir da "não previsibilidade de algumas formas com base em processos regulares de derivação". Ademais, claramente se alinhando a um modelo morfológico baseado na palavra (*word-based model*), os autores consideram que formas não produtivas "devem ser aprendidas individualmente e que, portanto, se encontram listadas já no léxico" (2002, p. 92).

Para ilustrar essa definição, consideremos o caso do Japonês. Nessa língua, encontramos vários causativos do tipo lexical, além de uma extensa gama de morfemas que derivam verbos causativos - (3b), (4b) e (5b) - dos intransitivos em (3a), (4a) e (5a), como os seguintes exemplos com afixos {-sase} ~ {-se}, {-as}, {-e} e {-os} (SHIBATANI e PARDESHI, 2002, p. 107-108).

(1) mi-sase-ru *'ver-CAUS-PRES (lit. 'mostrar')*[8]
'see-CAUS-PRES (lit. 'show')

(2) kaka-se-ru *'escrever-CAUS-PRES (lit. fazer escrever')*
'write-CAUS-PRES (lit. 'cause to write')

[8] Aos exemplos em outra língua que não o Português, oferecemos a traduação original e também em Português. Também traduzimos as glosas e mantivemos as abreviações dos autores.

(3a) kawak- u *'secar-PRES'*
'dry-PRES'

(3b) kawak-as-u *'secar-as-PRES'*
'DRY-as-PRES'

(4a) ak-u *'abrir-PRES'*
'open-PRES'

(4b) ak-e-ru *'abrir-e-PRES'*
'open-e-PRES'

(5a) or-i-ru *'descer-i-PRES'*
'descend-i-PRES'

(5b) or-os-u *'descer-os-PRES'*
'descend-os-PRES'

Formalmente, esses causativos são considerados causativos morfológicos do tipo aglutinativo. No entanto, há diferenças significativas entre {-sase} e o alormofe {-se}, de um lado, e os demais morfemas {-as}, {-e} e {-os}. Enquanto o primeiro é regular e suas formas superficiais são claramente previsíveis com base no contexto fonológico em que se encontram ({-sase} aparece com raízes terminadas em vogais, enquanto {-se} com raízes terminadas em consoantes com uma vogal temática interveniente, as formas sufixadas com {-as}, {-e} e {-os} não se comportam da mesma forma, já que dada uma raiz verbal intransitiva, não há como prever a forma transitiva derivada. Dessa forma, esses sufixos são lexicalmente determinados e, principalmente, não são intercambiáveis entre si (SHIBATANI e PARDESHI, 2002, p. 108).

Retornando as noções de causativo direto e indireto, estas têm sido largamente aplicadas em trabalhos com foco na causatividade e a elas subjaz o fato de que construções causativas alternativas são semanticamente não equivalentes. Isso porque essas construções alternativas espelham diferenças na conceptualização de uma situação extra-linguística, o que reflete em construções gramaticais alternativas (SHIBATANI, 1976). Acreditamos que essas noções são as que melhor capturam a distribuição dos diferentes causativos nas línguas do nosso *corpus* quando houver mais de uma possibilidade disponível de causativo.

Resenhamos a seguir as propriedades que envolvem essa distinção nos termos de Shibatani e Pardeshi (2002, p. 85-126) como base para a análise da distribuição dos causativos nas línguas Pano do nosso *corpus*.

Os autores (2002) definem causativos direto e indireto com base na correlação que (i) verbos intransitivos inativos[9] têm com verbos transitivos, assim como na correlação que (ii) verbos intransitivos ativos mantêm com derivações causativas e passivas.

No primeiro caso, verbos intransitivos inativos geralmente têm uma contraparte transitiva lexical, que é uma unidade não segmentável em partes menores e que carrega uma leitura causativa, tal como ocorre com verbos do tipo "matar" e "trazer", contrapartes de "morrer" e "vir". Além disso, verbos intransitivos inativos geralmente carecem de formas causativas ou passivas. Por sua vez, verbos intransitivos ativos raramente têm uma contraparte transitiva, mas apresentam uma causativa e passiva.

Esse fato leva os autores a observarem que, em termos formais, causativos lexicais, como verbos transitivos, estão associados com intransitivos inativos, enquanto os demais, os tipos morfológico e perifrástico, são mais produtivos nas línguas do mundo e se associam a verbos intransitivos ativos e transitivos.

Semanticamente, causativos lexicais representam uma situação na qual o *causado* é conceptualizado como um paciente, enquanto os causativos produtivos expressam uma situação em que o *causado* é um agente (SHIBATANI e PARDESHI, 2002, p. 89). Disso deriva que é comum que haja manipulação física do *causado* quando este não age volicionalmente. Por outro lado, um simples comando oral é suficiente nos casos em que o *causado* é uma entidade volicional com capacidade de executar uma atividade que lhe é solicitada. Essa descrição caracteriza, no primeiro caso, o causativo direto e, no segundo, o causativo indireto[10].

Desse modo, uma propriedade comum a orações causativas do tipo direto é exibir um causador agente e um causado paciente, enquanto o tipo indireto tem dois

[9] Em línguas em que há uma clara divisão entre verbos intransitivos do tipo inativo e verbos intransitivos do tipo ativo, o argumento único de um verbo inativo se comporta morfossintaticamente tal como os argumentos pacientes de verbos transitivos. Do outro lado, o argumento único de um verbo ativo tem comportamento morfossintático semelhante ao de argumentos agentes de verbos transitivos (MITHUN, 1991).

[10] Outros termos têm sido usados em estudos sobre causatividade em substituição a "direto" x "indireto" como, respectivamente, causativo de "contato" e "distante" (NEDJALKOV e SIL'NICKIJ, 1969) ou causativo "manipulativo" e "diretivo" (SHIBATANI, 1973/75).

agentes, o causador e o causado (SHIBATANI e PARDESHI, op. cit., p. 89). Com isso chegamos à segunda propriedade de causativos direto e indireto:

> [q]uando o causado é paciente, a execução do evento causado é totalmente dependente da ação do causador. Em vários casos, essa dependência abarca uma sobreposição espaço-temporal da atividade do causador e do evento causado, de modo que os dois eventos relevantes não são [estruturalmente] distinguíveis. Essa sobreposição espaço-temporal do evento causador e do evento causado motiva a conceptualização de toda a situação causativa direta como um único evento (p. 89).

No que se refere ao tipo indireto, dizem os autores (SHIBATANI e PARDESHI, 2002, p. 89):

> [q]uando o causado é um agente com sua própria volição, um grau de autonomia é acordado ao evento causado. Embora o causador seja a fonte do evento causado, tanto evento causador quanto evento causado apresentam algum grau de autonomia. Ademais, dado que o evento causado tem seu próprio agente, ele pode ter seu próprio perfil espacial e temporal distinto daquele do evento causador. Formalmente, essa separabilidade do evento causado do evento causador não permite que a construção da situação causativa como um todo seja feita num único evento.

Os autores representam a inseparabilidade de um construto do tipo direto tal como na ilustração a seguir (p. 90). A seta → indica uma ação levada a cabo por meio do causador agente (A) ao causado paciente (P), com espaço (E) e tempo (T) de ambos os eventos sobrepostos. Essa representação exemplificaria a estrutura de eventos do verbo “matar”, por exemplo, quando temos um causador agindo sobre um causado, de modo que a ação daquele leva à morte deste.

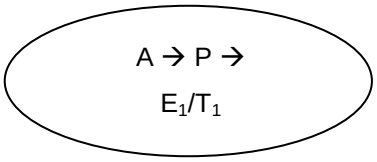

Ilustração 1. Estrutura de evento causativo direto

Em seguida, temos a representação da estrutura de eventos de uma situação causativa do tipo indireto. Neste caso, os eventos podem apresentar perfis espaciais iguais ou diferentes, como mostra o índice para espaço igual ao do causador (E_1) ou diferente (E_2). No entanto, o perfil temporal (T) é necessariamente diferente entre ambos os eventos, indicado por T_1 e T_2. (p. 90).

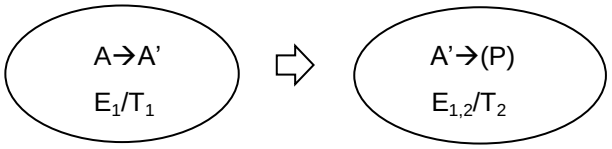

Ilustração 2. Estrutura de evento causativo indireto.

Sendo assim, a situação causativa codificada em um único evento, como no tipo direto, é geralmente expressa por causativos lexicais, os verbos transitivos. No tipo indireto, a situação causativa pode ter evento causador e causado com independência estrutural tal que seus perfis espaço-temporais são diferentes, especialmente o temporal. Neste caso, ambos são expressos por dois eventos. O tipo indireto é tipicamente codificado por causativos morfológico e perifrástico (SHIBATANI e PARDESHI, p. 101-102).

Contudo, nem sempre esse aspecto da independência estrutural dos eventos causadores e causados levará ao que foi exposto acima. Considerando isso, outro critério estabelecido por Shibatani e Pardeshi (2002) para a correspondência entre forma e função no caso de construções causativas é o grau de produtividade que um tipo específico de causativo exibe. Conforme esse critério, translinguisticamente, formas produtivas se alinham, sejam elas morfológicas ou perifrásticas, com a causatividade indireta. Formas lexicais restritas, sejam morfologicamente indecomponíveis ou complexas, codificam o tipo direto de causativo (SHIBATANI e PARDESHI, p. 112).

Não seria coincidência, neste caso, assumir uma natureza icônica subjacente à distribuição dos causativos se procedermos dessa maneira, o que já fora proposto por Haiman (1985) e que é assumida na literatura sobre causativos. Essa hipótese prediz que formas menos compactas se alinham ao tipo indireto, enquanto formas mais compactas ao direto. Para Shibatani e Pardeshi (op. cit.), a iconicidade como parte da causatividade pode ser formulada num sentindo mais abstrato do que aquele proposto em Haiman (op. cit.). Para esses autores, a iconicidade em construções causativas poderia ser assumida nos seguintes termos:

> o "maior o grau de transparência morfológica se correlaciona com o maior grau de separabilidade de elementos correspondentes aos dois eventos que constituem a situação causativa. [...] No caso da causatividade indireta, os eventos relevantes são distinguíveis mais claramente, dado que tendem a ter perfis espaço-temporais

> distintos. No caso da causatividade direta, no entanto, os dois eventos são mais integrados, de modo que compartilham o mesmo perfil espaço-temporal (SHIBATANI e PARDESHI, p. 115-116).

Os critérios de Shibatani e Pardeshi (2002) aqui descritos, como transparência morfológica baseada na estrutura dos eventos causador e causado, *status* dos argumentos causador e causado e produtividade do causativo, são considerados neste trabalho como base para a identificação dos tipos semânticos de causativos apresentados pelas línguas Pano do nosso *corpus*.

Além dos causativos direto e indireto, Shibatani e Pardeshi (2002) mencionam um causativo intermediário entre aqueles, chamado de causativo sociativo, formando, assim, um espaço semântico contínuo, com o tipo direto de um lado e o indireto de outro. Neste caso, é comum que a situação causativa envolva ambos causador e causado agentes. Em vários casos, o causador participa da ação com o causado, executando igual ação e acompanhando-o. Com essas características, não é incomum que o causativo sociativo esteja mais relacionado à extremidade do contínuo onde se encontra o causativo indireto. A diferença entre ambos reside no fato de que o causador numa construção sociativa performa a ação junto do causado, enquanto no tipo indireto ele leva o causado a fazê-la, mas não o acompanha.

Por fim, Shibatani e Pardeshi (2002, p. 100) reconhecem que o causativo sociativo pode ser dividido em três partes, o sociativo de (i) ação-conjunta (6a), (ii) assistida (6b) e (iii) supervisionada (6c). Os exemplos a seguir do Japonês nos dão uma clara dimensão de como esses três subtipos funcionam nessa língua:

(6a)	Hahaoya-ga	kodomo-o	asoba-se-te
	mãe-NOM	criança-ACC	brincar-CAUS-CONJ
	i-ru		
	ser/estar- PRES		

‘mother is making the child play’
‘a mãe está fazendo a criança brincar’

(6b)	Hahaoya-ga	kodomo-ni	osikko-o	sa-se-te	i-ru
	Mãe-NOM	criança-DAT	urinar-ACC	fazer-CAUS-CONJ	ser/estar-PRES
	'Mother is making the child pee'				
	'A mãe está fazendo a criança urinar'				

(6c)	Hahaoya-ga	kodomo-ni	hon-o	yoma-se-te	i-ru
	Mãe-NOM	criança-DAT	livro-ACC	ler-CAUS-CONJ	ser/estar-PRES
	'Mother is making the child read a book'				
	'A mãe está fazendo a criança ler um livro'				

1.5 Relações e funções gramaticais em línguas Pano

Esta subseção busca introduzir o leitor às principais funções e relações gramaticais exibidas pelos argumentos oracionais nas línguas Pano do nosso *corpus*. Para tanto, seguimos integralmente a descrição das funções gramaticais que os pesquisadores que trabalharam com essas línguas propuseram.

Em línguas Pano, as relações estabelecidas entre o predicado de uma oração e os seus participantes, os argumentos oracionais, são a de Agente (A), Sujeito (S) e Objeto (O), quando essas funções dizem respeito a nomes ou sintagmas nominais. Para assinalar essas relações gramaticais com o predicado, as línguas Pano usam de morfologia casual.

Em orações intransitivas, o único argumento do verbo é marcado por um morfema-zero, interpretado como a ausência de codificação formal a esse argumento. Em orações transitivas, o argumento mais agente será marcado morfologicamente por meio de um segmento nasal coronal {-n} que, a depender da estrutura da raiz a que se anexa, pode exibir vários alomorfes.

O outro argumento da oração transitiva, com aspectos prototípicos de objeto ou paciente, é marcado por meio de um morfema-zero. Neste sentido, vê-se que as línguas Pano do nosso *corpus* tratam o sujeito de uma oração intransitiva da mesma forma que o objeto da oração transitiva, por meio de um morfema-zero, enquanto o agente de uma oração transitiva é marcado de forma diferente. Esse padrão, A≠S=O, é conhecido como ergativo-absolutivo (DIXON, 1994), com o argumento A sendo chamado de ergativo e, S e O, de absolutivo.

Algumas línguas Pano contam, ainda, com uma cisão desse padrão, principalmente com os pronomes, enquanto outras apresentam um terceiro padrão,

geralmente codificado na 3° pessoa. Haja vista que o comportamento morfossintático dos argumentos oracionais em orações causativas derivadas segue o padrão ergativo-absolutivo, esta introdução se limita a apresentar mais detalhadamente esse padrão de alinhamento. Os exemplos a seguir são extraídos de algumas línguas Pano para mostrar como se comportam os argumentos A, S e O.

Em Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 88-90), o caso ergativo é marcado por um morfema de estrutura {-nV}. Conforme a autora, V indica uma vogal que se superficializará conforme o último segmento da raiz a que esse morfema se anexa, de modo que se for [coronal], teremos a vogal [i]; se [dorsal], a vogal [a]; e, se [labial] e [dorsal], a vogal [a]. O único argumento de verbos intransitivos e o argumento objeto de verbos transitivos são expressos por um morfema-zero {-ø}, o caso absolutivo nessa língua.

(7) ɾunu-ø na-a-ki
cobra-ABS morrer-PAS-DECL
'A cobra morreu'

(8) ɾunu-n takara-ø naka-a-ki
cobra-ERG galinha-ABS morder-PAS-DECL
'A cobra mordeu a galinha'

(9) jumaj-ni takara-ø ɾiti-a-ki
onça-ERG galinha-ABS matar-PAS-DECL
'A onça matou a galinha'

Em Matis (FERREIRA, 2005, p. 211-216), o argumento marcado como ergativo recebe o morfema sufixal {-n} ~ {-ɨn}, enquanto o absolutivo é marcado com um morfema-zero {-ø} (FERREIRA, 2005, p. 213).

(10) papi-bo-wid-Ø kuan-a-ʂ
rapaz-COL-só.rest.INTR-ABS ir-PASS.REC.-3.INFER
'Só os rapazes viajaram' (p. 213)

(11)	[puikun-ɨn	dabɨdpa-ʂun]$_{SN}$	pisi-ø	tʃe-a-ʂ
	urubu-ERG	2-ERG	coisa podre-ABS	engolir-PASS.REC-3.EXP
	'Dois urubus estão comendo coisa podre'			(p. 216)

Em Cachinawa (CAMARGO, 2013, p. 3-5), o padrão ergativo-absolutivo se realiza nos nomes e na terceira pessoa do plural, *habu* '3.PL'. O caso ergativo é marcado por meio do morfema {-(e)n}, enquanto o absolutivo, por um morfema-zero {-ø}.

(12)	Madia	daya-a-ki
	Madia.ABS	trabalhar-ACC-ASS
	'J'ai travaillé'[11]	
	'Maria trabalhou'	

(13)	Madia-n	anu	pi-a-ki
	Madia-ERG	paca.ABS	comer-ACC-ASS
	'Maria a mangé du paca'		
	'Maria comeu paca'		

(14)	habu	daya-a-ki
	3PL.ABS	trabalhar-ACC-ASS
	'ils/elles ont travaillé'	
	'Eles/as trabalharam'	

(15)	habu-n	ø	uin-a-ki
	3PL-ERG	ABS	ver-ACC-ASS
	'ils/elles l'ont vu'		
	'Eles/as o/a viu'		

Orações ditransitivas, aquelas cujo predicado exige mais de dois argumentos para completar a sua grade argumental, marcam o sujeito da oração tal como as orações transitivas. Em Kashibo-Kakataibo, o verbo *'inan* 'dar' é apresentado por Zariquiey como ditransitivo (ZARIQUIEY, 2011, p. 369).

(16)	usa	'i-ti	ka	nukɨn	papa	Dios=n	['ɨ]
	assim	ser-NOM	NAR.3p	1pl.GEN	pai	Deus=ERG	1sg.O

'inan-akɨ-x-a	[a	ŋu mɨɨti]	
dar-REM.PAST-3p-non.prox	esse	trabalho.ABS	

‘In order to be like that, God gave me that work’

‘a fim de que seja assim, Deus me deu este trabalho’

É interessante notar que os outros dois argumentos não exibem nenhuma marca formal, codificados com caso absolutivo.

2 Tipos formais de causativos na família Pano

Como definimos anteriormente, a causatividade é um processo morfológico ou sintático que altera a valência do verbo. Desse modo, verbos intransitivos se tornam transitivos derivados, enquanto transitivos, quando causativizados, formam verbos ditransitivos derivados.

Nas línguas Pano, a derivação causativa de um verbo transitivo a partir de um intransitivo pode ser facilmente identificada por alguns mecanismos que caracterizam verbos transitivos, como a marcação de caso ergativo no sujeito do verbo, a exemplo do Shanenawa a seguir, extraído de Cândido (2004, p. 118).

(17a) fakɨ-ø ʂian-a-ki
menino-ABS chorar-PAS-DECL
'O menino chorou'

(17b) kaman-na fakɨ-ø ʂian-ma-a-ki
cachorro-ERG menino-ABS chorar-CAUS-PAS-DECL
'O cachorro fez o menino chorar'

Além disso, pró-formas dadas como respostas a perguntas polares do tipo sim/não podem também indicar aumento de valência ao verbo, como em Shipibo-Konibo, conforme Valenzuela (2003, p. 618). As pró-formas intransitivas se encontram nos exemplos (18b) para a resposta do tipo "sim" e (18c) para "não", enquanto as pró-formas transitivas são exemplificados em (19b) para "sim" e (19c) para "não".

(18a) Rabi-ki beno-a?
Rabi:ABS-INT casar-PP2
Did Rabi get married?
'Rabi casou?'

(18b) Ik-i
fazer.I-SSSS
'yes'
'sim'

(18c) ik-[y]áma

fazer.I-NEG

‘not’

‘não’

(19a) Rabi-ki beno-ma-a?

Rabi:ABS-INT casar-CAUS-PP2

“Did s/he make Rabi get married?”

‘Ele/ela fez Rabi casar?’

(19b) *A*-kin

fazer.T-SSSA

‘yes’

‘sim’

(19c) *ak*-[y]áma

fazer.T-SSSA / fazer.T-NEG

‘not’

‘não’

Outro teste que verifica o aumento de valência de verbos intransitivos causativizados pode se dar a partir do adjunto locativo, destacado em **negrito**, e que varia de acordo com a transitividade do verbo da oração que funciona como uma conjunção. Vejamos os exemplos do Shipibo-Konibo, retirados de Valenzuela (2003, p. 619).

(20a)	Kesin-ra	nashi-ke	**jainoa-x**	benxokaa-ke
	Kesin:ABS-EV	banho-CMPL	**lá:ABS-S**	ficar.pronto-CMPL

‘Kesin took a bath and got ready’

‘Kesin tomou banho e ficou pronto’

(20b)	Kesin-ra	nashi-ke	**jain-xon**	ø	benxokaa-ma-ke
	Kesin:ABS-EV	banho-CMPL	**lá-A**	3p:ABS	ficar.pronto-CAUS-CMPL
	"Kesin took a bath and made (her/him) get ready"				
	'Kesin tomou banho e fez (ele/ela) ficar pronto'				

Nesta seção, apresentamos os tipos formais de causativos encontrados nessa família usando, para tanto, exemplos de algumas línguas Pano que fazem parte do *corpus* deste trabalho. Para tanto, consideramos a tipologia formal apresentada na literatura (COMRIE, 1989; SHIBATANI e PARDESHI, 2002) de causativos lexical, morfológico e perifrástico.

A tabela 1 ilustra os tipos de causativos apresentados para as línguas consideradas neste texto, bem como a fonte onde encontramos a descrição desses tipos. Quando uma língua apresenta um determinado tipo de causativo, isto é assinalado com um 'x'. Do contrário, marcamos com um hífen.

TIPOS DE CAUSATIVOS				
LÍNGUAS	*LEXICAL*	*MORFOLÓGICO*	*PERIFRÁSTICO*	*FONTE(S)*
Arara/Shawadawa	-	x	-	(Cunha, 1993);
Chácobo	x	x	-	(Zing, 1998); (Tallman, 2013a;b)
Capanahua	-	x	-	(Loos e Loos, 2003)
Kashibo-Kakataibo	x	x	-	(Zariquiey, 2011)
Cachinawa	-	x	x	(Camargo, 2013)
Matis	-	x	-	(Ferreira, 2005); (Santos, 2017a)
Matses	x	x	-	(Fleck, 2002; 2003)
Saynáwa	-	x	-	(Couto, 2015)
Shanenawa	-	x	-	(Cândido, 2004); (Santos, 2016)
Shipibo-Konibo	x	x	x	(Valenzuela, 1997; 2002; 2003)
Yaminahua	x	x	-	(Faust e Loos, 2002)
Yawanawa	-	x	-	(De Paula, 2004); (Souza, 2013)

Tabela 2. Tipos de causativos em línguas Pano.

Como vemos, todas as línguas Pano do nosso *corpus* apresentam o tipo morfológico, o que é comum quando consideramos que um dos principais traços tipológicos dessa família é a predominância do tipo morfológico aglutinante (LOOS, 1999; FLECK, 2013). As línguas Chácobo, Kashibo-Kakataibo, Matses, Shipibo-Konibo e Yaminahua exibem o causativo do tipo lexical, enquanto o Cachinawa e o Shipibo-Konibo são as únicas que apresentam o tipo perifrástico. Em seguida, descrevemos cada um desses tipos com exemplos das línguas.

2.1 Causativo lexical

Em Chácobo, encontramos verbos formalmente similares descritos por Zingg (1998, p. 4) como ambitransitivos, mas que podem ser considerados como verbos supletivos em uma relação causativa.

(21a) himaʔaina (intr.) *'temblar'/ 'agitar'*

(21b) himaʔaina (tr.) *'asar, freír'/ 'assar, fritar'*

Em Kashibo-Kakataibo (ZARIQUIEY, 2011, p. 690-691), o tipo lexical é encontrado em pares de verbos supletivos que apresentam uma relação causal com sua contraparte transitiva. Este é o caso de verbos como *bama-* 'morrer' e *rɨtɨ-* 'matar'; *kwan-* 'ir' e *buan-* 'levar'; e *u-* 'vir' e *bɨ-* 'trazer'.

Além disso, ainda encontramos em Kashibo-Kakataibo, bases lexicalizadas com segmentos /t/ e /n/ (ZARIQUIEY, 2011, p. 690-691), como nos exemplos seguintes.

(22a) tsó-t- *'to sit down, to live'/ 'sentar-se'*

(22b) tsó-n- *'to seat'/ 'sentar'*

(23a) ërë-t- *'to burn'/ 'queimar'*

(23b) ërë-n- *'to light'/ 'acender'*

Na língua Matses (FLECK, 2002, p. 391-393), há pares de verbos supletivos intransitivos numa clara relação com suas contrapartes transitivas causativas. Fleck (op. cit) divide-os em (i) formas supletivas propriamente ditas, isto é, semanticamente similares, contudo, formalmente não relacionadas,

(24) uɨnɨs *'die'/ 'morrer'*

ac *'kill'/ 'matar'*

(25) tʃo *'come'/'vir'*

bɨ *'bring'/'trazer'*

(ii) formas não produtivas, irregulares e formalmente relacionadas com uma óbvia direção de derivação, seja aumento de valência,

(26) bɨtʃiʃ *'get/be dirty'/ 'sujar-se'*

bɨtʃiʃua *'soil' / 'sujar (alguém, algo)'*

(27) tsɨkpen *'open (intr.)'/ 'abrir (intr)'*

tsɨkpenua *'open (tr.)*[12]*'/ 'abrir (algo)'*

ou mesmo redução de valência:

(28) naimɨd *'run out'/ 'acabar'*

nain *'finish off'/ 'terminar'*

(29) biʃukud *'peel'/ 'descascar (tr)'*

biʃuk *'skin, peel' / 'descascar-se (intr.)'*

e (iii) pares formalmente relacionados que, no entanto, não apresentam uma clara direção de derivação e sincronicamente são raízes segmentáveis. Esses exemplos também são ilustrativos de bases formalmente similares lexicalizadas com /ke/ e /ka/ como será discutido no (4.2), quando tratarmos de causativo direto.

(30) didike *'be hanging'/ 'pendurar-se'*

didika *'hang'/ 'pendurar (algo)'*

(31) poʃke *'have to come a hole'/ 'furar-se'*

poʃka *'bore, pierce'/ 'furar (algo)'*

Em Shipibo-Konibo, Valenzuela (1997, p. 140-141) não trata alguns pares de verbos ambitransitivos como causativo lexical. No entanto, dado o comportamento desse conjunto limitado de verbo, ou seja, a versão intransitiva sempre apresenta um sujeito marcado com caso absolutivo, enquanto a transitiva com sujeito marcado com caso ergativo, consideramos os verbos chamados de “fluídos” por Valenzuela (1997, p. 140-141) como pares numa relação causativa.

[12] Não confundir as abreviaturas *TR* ‘tempo realizado’ com *tr* ‘transitivo’.

Dentre os exemplos da autora, apresentamos a raiz *mapet-* (intr.) “escalar” x mapet- (tr.) “escalar alguma coisa”: Em (32a), temos a oração com o verbo sendo usado na sua forma intransitiva, indicada pelo argumento único do verbo marcado como absolutivo. Em (32b), o verbo mapet- é usado transitivamente, dada a marcação de caso ergativo que o sujeito da oração recebe. E, em (32c), vemos que não é possível marcar o sujeito com caso absolutivo, o que torna a oração agramatical, pois é a versão transitiva do verbo que é usada (VALENZUELA, 1997, p. 141), como vemos a seguir.

(32a) Sani-ø-ra mapé-ke
Sani-ABS-AS subir-CMPL
‘Sani is climbing’
‘Sani está subindo’ (p. 141)

(32b) Sani-n-ra xobo-ø mapé-ke
Sani-ERG-AS casa-ABS subir-CMPL
‘Sani climbed the house’
‘Sani escalou a casa’ (p. 141)

(32c) **Sani-ø-ra xobo-ø mapé-ke
Sani-ABS-AS casa-ABS subir-CMPL
‘Sani climbed the house’
‘Sani escalou a casa’ (p. 141)

Em Valenzuela (2002, p. 443-444), a autora descreve pares de verbos supletivos cuja contraparte transitiva pode ser considerada a versão transitiva da intransitiva. Os exemplos são dos seguintes verbos, cuja parte transitiva é apresentada logo abaixo da intransitiva.

(33) jo *‘come’/ ‘vir’;*
be *‘bring’/ ‘trazer’*.

(34) ka *‘go’/ ‘ir’;*
bo *‘carry’/ ‘levar’*.

Em Yaminahua (FAUST e LOOS, 2002), temos pares supletivos que se diferenciam somente pelo acento e tom alto que as sílabas das raízes verbais portam. Assim, raízes intransitivas portam acento e tom alto na primeira sílaba, enquanto raízes transitivas levam acento e tom alto nas duas primeiras sílabas. É importante notar que se trata da única língua na qual a supleção é realizada por meio de suprassegmento. Mostramos um exemplo desse tipo com as raízes *pake* [páké-] 'fazer (outro) cair' e [páke-] 'cair-se' (FAUST e LOOS, 2002, p. 102-103). Nesta língua, o tom é indicado por (´). O acento é previsível e sempre ocorre na primeira sílaba - da esquerda para direita.

(35)	Na	fakẽ	kirika	páké-a	
	esta	criança-(ERG)	livro	fazer.cair-COMP	
	'Este niño hizo caer el libro' (lit.: Lo dejó caer)				
	'esta criança fez o livro cair' (lit.: 'o deixou cair')				
(36)	Na	fake	nii-ax	mã	páke-a
	esta	criança	parar-PARTAP	já	cair-COMP
	'Este niño al pararse, se cayó'				
	'esta criança ao parar, caiu'				

2.2 Causativo morfológico

Como já mencionado, todas as línguas do nosso *corpus* apresentam o causativo do tipo morfológico. A tabela 3 sumariza os morfemas que derivam orações causativas nas línguas Pano estudadas neste texto. Os morfemas para os quais reconhecemos cognância são dispostos na mesma coluna, casos de {-va} em Arara e o restante das línguas, as quais apresentam {-mV}; ou {-wa} e {-ua}. Aqueles que aparentemente não são cognatos no restante do *corpus*, em colunas separadas.

LÍNGUAS	*MORFEMAS CAUSATIVOS*				
Arara/Shawã	{-va}	-	-	-	-
Chácobo	{-ma}	{-wa}	-	-	-
Capanahua	{-ma}	-	-	-	-
Kashibo-Kakataibo	{-mi}	-	-	-	-
Cachinawa	{-ma}	-	{-(a)n}	-	{-man}

Matis	{-me}	{-wa}	-	-	-
Matses	{-me}	-	-	{-anmɨs}	-
Saynáwa	{-ma}	{-ua}	{-N}	-	-
Shanenawa	{-ma}	{-wa}	-	-	-
Shipibo-Konibo	{-ma}	-	{-n}	-	-
Yaminahua	{-ma}	-	{-n}	-	-
Yawanawa	{-ma}	{-ua}	-	-	-

Tabela 3. Causativo morfológico em línguas Pano e seus respectivos morfemas.

Partindo da maior para a menor recorrência, é interessante notar a correspondência quase total entre boa parte dos morfemas causativos nas línguas do *corpus* estudado. Basicamente, o morfema mais recorrente tem uma estrutura cognata que pode ser resumida em {-mV}, isto é, uma nasal labial /m/ seguida de uma vogal /a/ em mais da metade das línguas; /i/ em Kashibo; e /e/ em Matis e Matses. Pode-se levantar a hipótese de que a vogal que ocupa a posição V nessa estrutura é sempre a menos marcada no sistema fonológico dessas línguas. Um possível teste para comprovar essa hipótese seria pela observação dos processos fonológicos dessas línguas para saber se, por exemplo, numa potencial epêntese em juntura de palavra, qual a vogal que se superficializa, e se isso não é condicionado pela última vogal da raiz à esquerda, por meio de harmonia vocálica.

Vejamos um exemplo da língua Shipibo-Konibo (VALENZUELA, 2002, p.455):

(37)	e-n-ra	bake	nee-ma-ke	jiwi	bochiki
	1-ERG-EV	criança:ABS	no.alto-CAUS-CMPL	árvore	acima:O

'I caused the child to go up on the tree (e.g.: by asking her/him to do it)'

'Eu fiz a criança ir para o alto da árvore (pedindo a ela/ele que o faça)'

Em Chácobo, Matis, Saynáwa e Shanenawa, um morfema cognato foi descrito para essas línguas. Em Chácobo (ZINGG, 1998; TALLMAN, 2013a, 2013b), esse morfema é {-wa}, em Matis (SANTOS, 2017a), a estrutura é {-wa}. Em algumas orações extraídas de Couto (2015), temos {-ua}[13], mas que também conta com o alomorfe {-wa}[14], glosado como uma forma causativa, enquanto no Shanenawa

[13] Para este trabalho, decidimos que forma /ua/ que aparece em exemplos de Couto (2015) glosada como 'fazer' é um morfema. Embora haja exemplos no trabalhos do autor em que /ua/ aparece como forma livre, também encontramos dados em que ele é utilizado como morfema. Ademais, no pequeno vocabulário apresentado no final desta tese (COUTO, 2015, p. 381-396), no qual poderíamos esperar essa forma livre, não há o seu registro como tal.

[14] Observação de Cláudio A. C. Couto durante a qualificação desta dissertação.

(CÂNDIDO, 2004; SANTOS, 2016) a estrutura também é {-wa}. Veja-se o exemplo do Shanenawa a seguir (CÂNDIDO, 2004, p. 19):

(38)	jumaj-ni	nukuvu-n	itʃu-wa-pi
	onça-ERG	homem-ERG	correr-CAUS-DECL

'a onça fez o homem correr'

Há outro morfema que aparece em mais de duas línguas: {-(a)n} em Cachinawa, {-N} em Saynáwa e {-n}, em Shipibo-Konibo. Provavelmente, a vogal /a/ desse morfema causativo em Cachinawa, que poderia ser facilmente identificada como epentética e inserida quando a raiz termina em consoante, fazia parte do morfema. Isso porque, na variedade Shipibo (em oposição à variedade Conibo) Valenzuela (op. cit, nota de rodapé 31, p. 478) observa que, às vezes somente /a/ se superficializa como morfema causativo. Em Saynáwa (COUTO, 2015), algumas orações contêm um morfema glosado como causativo que, fonologicamente, é um arquifonema, superficializado como nasal labial /m/ ou coronal /n/, conforme o ponto de articulação do segmento que sucede.

Ademais, dois morfemas da tabela 3 aparecem, cada um, uma única vez: o morfema {-man} pertence ao Cachinawa (CAMARGO, 2013, p. 14-15), e não apresenta algum cognato em outra língua do nosso *corpus*, como mostra o exemplo (39).

(39)	e-n	xaxu	bu-kin,
	1SG-GEN	canoa.P	trazer-A=A
	e-n	pudisia	mebin-man-a
	1SG-Ceur	polícia.EXant	levar-CAUS.CONTR.Ceur-ACC
	ik-aya		
	SVintr-temporal		

'Je conduisais mon canot quand la police s'en est emparée' [lit.: J'apportais mon canot quand je le fais emparer à la police].

'Eu conduzi minha canoa quando a polícia a parou' [lit.: eu trouxe minha canoa quando eu a fiz ser tomada pela a polícia].

Em Matses (FLECK, 2001; 2002), o morfema causativo {-anmɨs} só ocorre nessa língua e tem aplicação bastante restrita, conforme veremos oportunamente quando discutirmos a distribuição dos causativos. Veja-se o exemplo (40) (FLECK, 2002, p. 404).

(40) podoto tsipis-anmɨs ne-e-c

feijão flatular-CAUSER.NZR ser/ter-NPAST-INDIC

‘Beans are ones that make [people] flatulent’

‘Feijões causam flatulências nas pessoas’ (lit.: feijões fazem as pessoas flatularem)’

É interessante notar que, enquanto a maioria das línguas possui somente um morfema causativo, caso do Arara/Shawadawa, Yaminahua e Yawanawa, línguas como Cachinawa e Saynáwa contam com três morfemas causativos. Podemos supor que isso seja resultado de poucas descrições, dentro da literatura Pano, de fenômenos relacionados com a alteração de valência, especialmente de aumento de valência, como a causatividade.

2.3 Causativo perifrástico

Para algumas línguas do *corpus*, a literatura também descreve um causativo do tipo perifrástico, que pode ser chamado de analítico ou sintático. A estrutura do causativo perifrástico se dá por uma construção formada pelo predicado principal e o verbo causativo que, nas línguas Pano, categoricamente é traduzido por ‘fazer’. Dissemos predicado principal, e não verbo, dado que também os nomes e adjetivos nessa família podem atuar como predicados sem requererem morfologia especial. Para tanto, basta anexar morfologia verbal a nomes e adjetivos a fim de que estes funcionem como predicadores.

A tabela 4 ilustra as línguas nas quais aparece esse tipo de causativo.

LÍNGUAS	*CAUSATIVO PERIFRÁSTICO*	
Cachinawa	wa ‘fazer’	-
Matsés	ua [wa] ‘fazer’	-
Shipibo-Konibo	ak ‘fazer’	ik/ak

Tabela 4. Causativo perifrástico em línguas Pano.

Conforme a tabela 4, são três as línguas descritas com o tipo perifrástico: Cachinawa, Matses e Shipibo-Konibo. Em todas, como dissemos, é o verbo ‘fazer’ justaposto ao verbo principal que forma a perífrase.

No Cachinawa, encontramos uma construção perifrástica formada pelo verbo independente *wa* ‘fazer’, o qual acompanha o verbo principal.

(41a) Madia paxa-ai

Madia-S fugir-INAC

‘Maria s’enfuit’

‘Maria fugiu’

(41b) Madia-n ea paxa wa-ai

Madia-Ceur 1SG-EXant fugir fazer-INAC

‘Maria me fait m’enfuir’

‘Maria me fez fugir’

Em Matses (FLECK, 2002), o uso da forma ua [wa] se estende aos nomes, além dos verbos e adjetivos, como mostram as orações a seguir com verbo (42), nome (43) e adjetivo (44) (p. 394), respectivamente, causativizados com esse morfema.

(42) uɨnɨs *'die'/ 'morrer'*

uɨnɨsua *‘kill, make die, let die'/ 'matar, fazer morrer, deixar morrer'*

(43) aid-bi-ø tʃotac-n ʃubu ua-e-c

aquele-EMPH-ABS não.Matses-ERG casa fazer-NPAST-INDIC

‘Non-Matses make houses out of those [fronds from a species of palm]’

‘Não-Matses fazem casa daquelas [folhas de uma espécie de palmeira]’ ‘

(44) aton bacuɨ-ø tʃu ua-ʃun

3GEN fruta-ABS esquentar fazer-depois:S/A>A

tʃocueʃca-ʃun ac-quid

misturar-depois:S/A>A beber-HAB

‘After warming its fruits, after marshing them, they [Matses] drink it’

‘Depois de esquentar suas frutas, e então misturá-las, eles [Matses] bebem-nas’

Em Shipibo-Konibo, o verbo que forma orações causativas derivadas, *ak* ‘fazer’, tem um comportamento relativamente diferente de *wa* ‘fazer’ da língua Cachinawa. Este verbo, segundo Valenzuela (2002, p. 441), só forma construções causativas a partir de adjetivos, advérbios, posposições e um grupo restrito de nomes e verbos. A autora, no entanto, não apresenta exemplos com posposições e verbos. Devido a isso, neste trabalho, consideramos que o verbo *ak* ‘fazer’ só deriva orações causativas a partir de adjetivos, advérbios e nomes. Exploramos a distribuição desse morfema na seção seguinte. Ilustramos no exemplo 46 um caso de *ak* derivando uma construção causativa a partir de uma base adjetival (VALENZUELA, 2002, p. 440-441).

(45)	Joni-boan-ra	jato-n-bi	tsinkiti	nenké
	gente-PL:ERG-EV	3PL:ERG-EMPH	encontro:ABS	(tornar-se)longo
	a-kan-ai			
	fazer-PL-INC			
	‘The people themselves make the meeting (become) longer’			
	‘As pessoas mesmo fazem o encontro (se tornar) mais longo'			

Ademais, em Shipibo-Konibo são encontrados os auxiliares /ik/ e /ak/ responsáveis por formarem uma perífrase com o verbo principal.

(46a) kobin ik- *‘’boil’ (intr.)/ ‘ferver-se’;*

(46b) kobin ak- *‘boil‘ (tr.)/ ‘ferver’;*

(47a) biski ik- *‘to shake oneself’/ ‘sacudir a si mesmo’*;

(47b) biski ak- *‘to shake something’/ ‘sacudir alguma coisa’*;

É interessante notar que uma forma cognata do auxiliar /ak/, o verbo independente ak ‘fazer’, é descrita pela autora como parte de uma perífrase que deriva orações causativas perifrásticas.

2.4 Classe gramatical

Nesta seção, identificamos a classe gramatical da palavra a que os causativos morfológico e perifrástico se juntam para derivar orações causativas.

2.4.1 Classe gramatical e causativo morfológico

Sumarizamos, na tabela 5, as classes gramaticais a partir das quais os causativos morfológicos derivam orações causativas e, então, descrevemos as informações constantes da tabela seguidas de exemplos.

LÍNGUAS	*MORFOLÓGICO*		
	Verbo	*Adjetivo*	*Nome*
Arara/Shawadawa	{-ma}	{-ma}	-
Chácobo	{-ma} {-wa}	-	-
Capanahua	{-ma}		
Kashibo-Kakataibo	{-mi}	-	-
Cachinawa	{-ma} {-(a)n} {-man}	-	-
Matis	{-me} {-wa}	-	-
Matses	{-me}; {-anmis}	-	-
Saynáwa	{-ma}; {-N}; {-ua}	{-ua}	-
Shanenawa	{-ma}	{-wa}	{wa}
Shipibo-Konibo	{-ma}	{-ma}	{-n} 'restrito a alguns verbos intransitivos e nomes'
Yaminahua	{-ma}	-	-
Yawanawa	{-ma}	{-ma}	{-ma}

Tabela 5. Classe gramatical da palavra que recebe o causativo.

Na tabela 5, vimos que a maioria das línguas Pano usa o tipo morfológico somente com verbos, casos do Chácobo, Capanahua, Kashibo-Kakataibo, Cachinawa, Matis e Yaminahua.

Em Kashibo-Kakataibo (ZARIQUIEY, 2011, p. 691), ilustramos, a seguir, esse fato com verbos intransitivo (48), transitivo (49) e ditransitivo (50) causativizados pelo morfema causativo dessa língua, {-mi}.

(48)	'ë=n	kana	Maria	ransa-mi-ti	'ain
	1sg=A	NAR.1sg	Maria.ABS	dançar-CAUS-NOM	ser.1/2p

'I will make Maria dance'

'Eu farei Maria dançar'

(49) ‘ë=n kana bata Maria bits-mi-ti ‘ain

1sg=A NAR.1sg doce.ABS Maria.ABS escolher-CAUS-NOM ser.1/2p

‘I will make Maria pick up (i.e. buy) candy’

‘Eu farei Maria escolher (i.e. comprar) doce’

(50) ‘ë=n kana bata Maria Juan ‘inan-mi-ti ‘ain

1sg=A NAR.1sg doce.ABS Maria.ABS Juan.ABS dar-CAUS-NOM ser.1/2p

‘I will make Juan give candy to Maria’

‘I will make Maria give candy to Juan’

‘Eu farei Juan dar doce para Maria’

‘Eu farei Maria dar doce para Juan’

Em algumas línguas, como o Arara/Shawã, além de verbos, o tipo morfológico causativiza adjetivos (CUNHA, 1993, p. 152). Nessa língua (CUNHA, 1993, p. 119), por exemplo, o adjetivo *ʃara* ‘bem’ recebe o morfema {-va} para derivar ‘gostar’. Veja-se o exemplo a seguir.

(51) rĩdɨ istɨkɨ tʃatʃi-a va-i kãmã
cobra macaco picar fazer-TNR cachorro

tʃatʃi va-i vakihɨ tʃatʃi a
picar fazer-TNR criança picar TRNZ

‘as cobras morderam o macaco, o cachorro e o menino’

(52) mã dɨkĩ ʃara va biʃ

vocês nós bem fazer FREQ

‘vocês gostam da gente’

No Saynáwa, que apresenta três morfemas causativos, {-ma}, {-N} e {-ua}, além dos verbos, adjetivos também podem receber o morfema causativo {-ua}. Os exemplos a seguir foram retirados de Couto (2015), dentre os quais encontramos {-ua} anexado a verbo em (53) (p. 51) e a adjetivo em (54) (p. 191).

(53) iStʃu-ua-N

fugir-CAUS.IN-para.exterior

‘espantar’ (lit.: fazer fugir)

(54) ə-N ʃau-ø kəiu-a_{op1}
1SG-ERG osso-ABS morder-PAS2

ə-N aSpa-ø tʃaka ua ki_{op2}
1SG-POSS.ATR boca-ABS machucado fazer[CAUS.IN] ASS
‘Eu mordi o osso. Faz minha boca ficar machucada” (lit.: o osso que mordi machucou minha boca)’

No idioma Shipibo, o morfema causativo {-n} se aplica a um grupo restrito de verbos intransitivos e nomes, conforme Valenzuela (2002, p. 441-442). Vejamos abaixo a causativização do verbo *pani-* ‘pendurar-se (intr.)’ com o morfema {-n}, resultando no verbo transitivo *pani-n-* ‘pendurar alguma coisa (em algo) (tr.)’, retirada de Valenzuela (op. cit., p. 442). Nos seguintes exemplos, (55) é a versão intransitiva não derivada, e (56) a versão transitiva derivada.

(55) Ani texó jiwui-n-ra nato shino pani-ai
grande quinilla árvore-LOC-EV este capuchin.macaco:ABS pendurar.se-INC
‘this capuchin monkey (usually) hangs on the big quinilla tree’
‘este macaco capuchin (geralmente) se pendura na grande árvore quinilla’

(56) Nokon koka-n awinin-ra jawen chopa
POSS1 tio materno-GEN esposa:ERG POSS3 roupas

patsa-a pani-n-ai
lavar-PP2:ABS pendurar-TRNZ-INC
‘My uncle's wife is hanging her recently washed clothes’
‘a esposa do meu tio está pendurando as roupas dela recém-lavadas’

Um exemplo desse causativo com nome é apresentado a seguir. Em (57), {-n} se anexa a *rao* ‘medicamento’ (VALENZUELA, 2002, p. 441).

(57) Moatian nawa-n rao-bo yama-katit-ai,
antigamente de fora/estranho-GEN medicamento-PL:ABS não.existir-PST4-INC,

no-n rao-n-ribi payó-bo
1PL-GEN medicamento-INSTR-EMPH-REP feridas-PL:ABS

rao-n-kati-kan-ai
remédio-TRNZ-PST4-PL-INC

'Long time ago, there were no Western medicines, and they (ancestors) cured the (infected) wounds with our own medicine'

'Antigamente, não havia remédios dos brancos, e eles (ancestrais) curaram feridas (infecciosas) com nosso próprio remédio'

2.4.2 Classe gramatical e causativo perifrástico

O causativo perifrástico é reportado para apenas três línguas, Cachinawa (CAMARGO, 2013), Matsés (FLECK, 2002) e Shipibo-Konibo (VALENZUELA, 2002). Em Cachinawa, a derivação só ocorre com verbos. O uso da forma ua [wa] 'fazer', em Matsés, se dá em nomes, verbos e adjetivos, enquanto em Shipibo-Konibo, esse causativo é formado a partir de adjetivos, nomes, advérbios e, também, posposições. Já mencionamos, no entanto, que Valenzuela não apresenta exemplos com posposições e verbos. A tabela 6 sumariza somente os casos para os quais encontramos exemplos nas fontes.

LÍNGUAS	*PERIFRÁSTICO*			
	Verbo	*Adjetivo*	*Nome*	*Advérbio*
Cachinawa	wa	-	-	-
Matsés	ua	ua	ua	-
Shipibo-Konibo	-	ik/ak	ik/ak	ik/ak

Tabela 6. Causativo perifrástico e classe gramatical ao qual se anexa.

Em Cachinawa, a forma independente *wa* 'fazer' pode se justapor a verbos intransitivos (58a, b) e transitivos (59a, b) (CAMARGO, 2013, p. 8)

(58a) Madia paxa-ai
Madia-S fugir-INAC

'Maria s'enfuit'
'Maria fugiu'

(58b)	Madia-n	ea	paxa	wa-ai
	Madia-Ceur	1SG-EXant	fugir	fazer-INAC

‘Maria me fait m’enfuir’
‘Maria me fez fugir’

(59a)	huni-n	Madia	mana-mis
	homem-A	Maria.P	esperar-HAB

‘L'homme attend (toujours) Maria’
‘o homem (sempre) espera Maria’

(59b)	huni-n	Madia	mana	wa-mis
	homem-Ceur	Maria.EXant	esperar	fazer-HAB

'L'homme fait (toujours) attendre Maria'
'o homem (sempre) faz Maria esperar'

O Shipibo-Konibo deriva orações causativas por meio de perífrases formadas com o verbo *ak ~ a* ‘fazer’ justaposto a adjetivos, conforme os exemplos a seguir (VALENZUELA, 2002, p. 440-441), já apresentados, mas repetidos por conveniência em (60) sem a ocorrência do verbo que forma a perífrase com adjetivos, e (61), com o verbo *ak ~ a* como parte da perífrase junto à base adjetival *nenké* ‘longo’ .

(60)	Westíora	nishi	nenké-pari	ea	bi-xon-we!
	um	vestido	longo:ABS-primeiro	1:ABS	arranjar-BEN-IMP

‘First, get me a long rope!’

‘Primeiro, me arranje um longo vestido!’

(61)	Joni-boan-ra	jato-n-bi	tsinkiti	nenké	a-kan-ai
	gente-PL:ERG-EV	3PL:ERG-EMPH	encontro:ABS	(tornar-se)longo	fazer-PL-INC

‘The people themselves make the meeting (become) longer’

‘As pessoas mesmo fazem o encontro (se tornar) mais longo’

Esse mecanismo também é usado para derivar causativos de advérbios, como em *bebon* ‘na frente, na frente de’, *bebon-* ‘ir para frente’ e *bebon a(k)-* ‘colocar alguma coisa na frente’, além de nomes, como em *ota* ‘sombra’, *ota-* ‘tornar-se sombrio’ e, então, *ota a(k)-* ‘sombrear (tr.)’ (op. cit, p. 441).

Como vimos até aqui, dada sua tipologia morfológica aglutinante, as línguas Pano do nosso *corpus* têm uma preferência para o causativo do tipo morfológico, de modo que algumas línguas apresentam até três morfemas causativos. Quanto ao causativo perifrástico, para as línguas nas quais foi descrito, há de se ressaltar a aplicação às vezes ampla deste a classes de palavras diferentes, como vimos para o Shipibo-Konibo. Na seção seguinte, passamos a descrever as funções sintáticas e semânticas que os argumentos nucleares das orações básicas assumem nas causativas derivadas.

3 Relações sintáticas em orações causativas derivadas

Neste capítulo descrevemos as funções gramaticais assumidas pelos argumentos principais nas orações causativas derivadas, especificamente a função do novo argumento introduzido e do argumento originalmente em função de sujeito na oração básica. Consideramos primeiramente as derivações causativas sofridas por verbos intransitivos, em seguida, descrevemos aquelas de verbos transitivos e, então, verbos ditransitivos.

A tabela 7 sumariza a função do argumento introduzido e do sujeito original da oração básica nas causativas derivadas de verbos intransitivos. Para algumas línguas, não tivemos acesso a exemplos com verbos intransitivos que sofreram essa derivação, o que não nos permite verificar qual a função que esses dois argumentos assumem numa oração com verbo transitivo derivado. Seguindo essa tabela, apresentamos alguns exemplos que ilustram a função assumida por esses argumentos na oração derivada.

Línguas	*Argumento Introduzido*	*S original*
	Intransitiva	
Cachinawa	A	O/OBL
Kashibo-Kakataibo	A	O
Matis	A	O
Matses	A	O
Shanenawa	A	O
Shipibo-Konibo	A	O

Tabela 7. Relações gramaticais em causativas derivadas de intransitivas.

Como podemos observar na tabela 7, sintaticamente, todas as línguas para as quais tivemos exemplos do processo de causatividade com verbos intransitivos marcam o novo argumento como sujeito do verbo transitivo derivado, enquanto o sujeito original passa a ser marcado como objeto na oração transitiva derivada.

Em Kashibo-Kakataibo (ZARIQUIEY, 2011), por exemplo, o morfema {-mi} é o responsável por causativizar orações básicas, sejam intransitiva, transitiva ou ditransitiva. Desse modo, em orações intransitivas, sintaticamente o novo argumento assume a função de sujeito, enquanto o sujeito original, único argumento do verbo intransitivo outrora, é marcado como objeto na oração causativa derivada, por meio

de um morfema-zero que codifica o caso absolutivo nessa língua (ZARIQUIEY, 2011, p. 687).

(62)	‘ë=n	kana	Maria	ransa-mi-ti	‘ain
	1sg=A	NAR.1sg	Maria.ABS	dançar-CAUS-NOM	ser.1/2p
	‘I will make Maria dance’				
	‘Eu farei Maria dançar’				

Em Shipibo-Konibo (VALENZUELA, 2002), o argumento introduzido entra como sujeito, e o sujeito original de verbos intransitivos assume a função sintática de objeto na oração causativa derivada, como em (63), com o verbo *shinan*- ‘pensar’ causativizado com {-ma} (p. 435).

(63)	e-n-ra	mia	shinan-ma-kas-ai	jo-ti
	1-ERG-EV	2:ABS	pensar-CAUS-DES-INC	vir-INF
	‘I suggest that you come/I wish to make you to come/I want to remind you to come’			
	‘Eu sugiro que você venha/Eu espero fazer você vir/Eu quero relembrar você de vir’			

As demais estratégias de causativização em Shipibo-Konibo, seja com o verbo /ak/ ‘fazer’ ou o morfema {-n}, também exibem igual padrão: o novo argumento é introduzido como sujeito e o argumento original é demovido para a posição de objeto. Vejam-se os exemplos extraídos de Valenzuela (2002, p. 441-442).

(64)	Joni-boan-ra	jato-n-bi	tsinkiti	nenké
	gente-PL:ERG-EV	3PL:ERG-EMPH	encontro:ABS	(tornar-se)longo
	a-kan-ai			
	fazer-PL-INC			
	‘The people themselves make the meeting (become) longer’			
	‘As pessoas mesmo fazem o encontro (se tornar) mais longo’			

(65) Nokon koka-n awinin-ra jawen chopa
POSS1 tio.materno-GEN esposa:ERG POSS3 roupas

patsa-a pani-n-ai
lavar-PP2:ABS pendurar-TRNZ-INC
'My uncle's wife is hanging her recently washed clothes'
'A esposa do meu tio está pendurando as roupas dela recém-lavadas'

Em Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 119-121), enquanto o sujeito original é marcado como objeto na oração causativa derivada, o novo argumento introduzido é marcado como sujeito no exemplo (67), que corresponde à oração derivada da intransitiva em (66).

(66) faki-ø ʂian-a-ki
menino-ABS chorar-PAS-DECL
'O menino chorou'

(67) kaman-na faki-ø ʂian-ma-a-ki
cachorro-ERG menino-ABS chorar-CAUS-PAS-DECL
'O cachorro fez o menino chorar'

Esse padrão de marcação também é igual quando da derivação causativa morfológica[15] em Shanenawa. Veja-se o exemplo retirado de Cândido (2004, p. 119):

(68) min ɨa itʃapa ɾaja-wa-a-ki
2PS 1PS muito (ADV) trabalhar-CAUS-PAS-DECL
'Você me fez trabalhar muito'

O comportamento do sujeito original em sempre assumir a posição seguinte disponível na hierarquia de relações gramaticais (objeto direto>objeto indireto>adjunto) mostra que em processos de aumento de valência, como a causatividade, as línguas Pano do nosso *corpus* se comportam tipologicamente como do tipo *push-chain*, em oposição ao tipo *leap-frog* (COMRIE, 1974) que,

[15] Na análise que empregamos no capítulo 4, diferentemente de Cândido (2004), assumimos que a forma *wa* 'fazer' do Shanenawa é, na verdade, um morfema causativo, e não uma forma independente que faz parte de uma perífrase com um verbo principal.

diferentemente do *push-chain*, é caracterizado pelo fato de que o único argumento do verbo intransitivo assume a função de oblíquo, um dativo ou instrumental, na oração causativa derivada, como em Turco e Francês. Nesses casos, esses argumentos “saltam” a posição sintática imediatamente disponível para assumir uma função não nuclear.

Com verbos transitivos, o novo argumento introduzido também sempre assume a função de sujeito, enquanto o sujeito da oração básica passa à função de objeto. A exceção encontrada se dá em Shanenawa, que exibe também a opção de manter dois sujeitos na oração derivada, enquanto o objeto mantém sua função original. Veja-se a tabela 8 para o que acabamos de descrever.

LÍNGUAS	*ARGUMENTO INTRODUZIDO*	*A ORIGINAL*	*O ORIGINAL*
	Transitivo		
Arara/Shawadawa	-	-	-
Chácobo	-	-	-
Capanahua	-	-	-
Kashibo-Kakataibo	A	O	O
Cachinawa	A	O	O
Matis	A	O	O
Matses	A	O	O
Saynáwa	-	-	-
Shanenawa	A	A/O	O
Shipibo-Konibo	A	O	O
Yaminahua	-	-	-
Yawanawa	-	-	-

Tabela 8. Relações gramaticais em causativas derivadas de transitivas.

Em Matis (FERREIRA, 2005, p. 112), quando verbos transitivos são causativizados pelo morfema {-me}, o novo argumento é introduzido na função de sujeito, enquanto o sujeito original passa a objeto; já o objeto original mantém sua marca.

(69) nawa-n tʃanpi-n awɨn wapa-ø

não-índio -POSS menina-ERG 3.SG.POSS cachorro-ABS

pe-me-a-ʂ

comer-CAUS-PASS.REC-3.EXP

‘A filha do não índio alimentou seu cachorro’

Em Matses (FLECK, 2002, p. 377), o novo argumento introduzido via causativização de verbos transitivos assume a função de sujeito, e o sujeito original passa à função de objeto.

(70)	dadpen-ø	tɨʃ-ʃun	aton
	muitos-ABS	retirar-depois:S/A>A	3GEN
	tʃido-ø	sica-me-e-c	matses-n
	mulher-ABS	espremer-CAUS-NPAST-INDIC	Matses-ERG

'After pulling off many [peach palm fruits], Matses have their wives strain them [to prepare a drink]'

'Depois de tirar muitos [pêssegos], os Matses fazem suas esposas espremê-los [para preparar uma bebida]'

Na língua Shanenawa (CÂNDIDO, 2004), como apresentado pela tabela 8, além da possibilidade de marcar o novo argumento como sujeito, e o sujeito original como objeto na oração transitiva derivada, há também a possibilidade de manter a função de sujeito original, marcado com o caso ergativo, marca de sujeito de verbo transitivo (p. 121).

(71)	awinhu-n	faki-hu-n	ʂipi-ø	pi-wa-a-ki
	mulher-ERG	criança-DEF-ERG	banana-ABS	comer-CAUS-PAS-DECL

'A mulher fez a criança comer banana'

A opção de manter a marca de sujeito na oração causativa com verbo *pi* 'comer', em Shanenawa, resultando em dois argumentos marcados com caso ergativo, não é estranha tipologicamente e está contemplada na tipologia de Dixon (2000, p. 30-83). Encontramos línguas como o Trumai, língua isolada falada no Alto Xingu (GUIRARDELLO, 1999, p. 355), que também tem esse comportamento, como vemos a seguir:

(72)	Alaweru-k	hai-ts	axos	disi-ka
	nome próprio-ERG	1s-ERG	criança+ABS	bater-CAUS

'Alaweru made me beat the child'

'Alaweru me fez bater na criança'

Orações ditransitivas não derivadas são pouco comuns nas línguas do nosso *corpus*. Na verdade, somente Kashibo-Kakataibo, Matis e Shipibo-Konibo foram descritos com ditransitivas. Destas, encontramos exemplos de derivação causativa somente com as línguas Kashibo-Kakataibo e Shipibo-Konibo.

Orações ditransitivas contêm, no mínimo, três argumentos oracionais para satisfazer a valência do verbo, dos quais dois se comportam como objeto e são marcados morfossintaticamente da mesma forma, recebendo a marca morfológica de morfema-zero. Quando causativizadas, os argumentos dessas orações se comportam da seguinte forma: o novo argumento introduzido assume a função de sujeito; o sujeito original, a de objeto marcado com morfema-zero; e os argumentos na função de objeto mantêm sua marca.

LÍNGUAS	*ARGUMENTO INTRODUZIDO*	*A ORIGINAL*	*O ORIGINAL I*	*O ORIGINAL II*
	Ditransitivo			
Kashibo-Kakataibo	*A*	*O*	*O*	*O*
Shipibo-Konibo	*A*	*O*	*O*	*O*

Tabela 9. Relações gramaticais de causativas derivadas de ditransitivas.

Em Kashibo-kakataibo, encontramos quatro verbos ditransitivos não derivados (ZARIQUIEY, 2011, p. 667):

(73) inan- *'to give'/ 'dar'*;

(74) ñon- *'não to share something with someone/ 'não compartilhar algo com alguém'*,

(75) ribin- *'to owe something to someone/ 'dever algo a alguém'*;

(76) mɨtika- *'to give the same amount to various people'/ 'dar a mesma quantidade a várias pessoas'*.

Nos exemplos seguintes, temos uma oração ditransitiva não derivada com o verbo *inan*- 'dar' (ZARIQUIEY, 2011, p. 667), e, em seguida, uma oração com esse mesmo verbo causativizada pelo morfema causativo {-mi} (ZARIQUIEY, 2011, p. 687). Com esse verbo, sempre há uma ambiguidade virtual causada pela indistinguibilidade morfossintática entre os argumentos marcados como objeto, o que é resolvido por fatores pragmáticos e contextuais que ajudam a identificar quem deu, o que foi dado e para quem o foi.

(77) 'ɨ=n kana [Maria](REC-O)

1.sg=A NAR.1sg Maria.ABS

['atsa](THEM-O) 'inan-i-n

mandioca.ABS dar-IMPF-1/2p

'I give manioc to Maria'

'Eu dou mandioca para Maria' (ZARIQUIEY, 2011, p. 667)

(78) 'ën kana bata

1sg=A NAR.1sg doce.ABS

Maria Juan 'inan-mi-ti 'ain

Maria.ABS Juan.ABS dar-CAUS-NOM ser.1/2p

'I will make Juan give candy to Maria'

'I will make Maria give candy to Juan'

'Eu farei Juan dar doce para Maria'

'Eu farei Maria dar doce para Juan' (ZARIQUIEY, 2011, p. 667)

Em Shipibo (VALENZUELA, 2002), conforme a tabela 9, também temos três argumentos se comportando morfossintaticamente iguais em construções ditransitivas que sofreram derivação causativa. Veja-se o exemplo (VALENZUELA, 2002, p. 435):

(79) ja-tian ja xontako jawen tita-n xoi

esse-TEMP esse moça.solteira:ABS POSS3 mãe-ERG assado.carne/peixe:ABS

ø meni-ma-[a]i keen-yama-[a]i-bi...

[3:ABS] dar-CAUS-INC querer-NEG-SDS-EMPH

'Then, her$_j$ mother$_i$ makes the unmarried girl give roasted meat/fish (to the man who had asked her$_j$ in matrimony) even though she$_j$ doesn't want to...'

'então, a mãe$_i$ dela$_j$ faz a moça não casada dar carne/peixe assado (ao homem que pedira ela$_j$ em matrimônio) embora ela$_j$ não queira'

4 Semântica das orações causativas: causativo direto e indireto em Pano

Nesta seção, analisamos os causativos das línguas do nosso *corpus* com base na distinção de causativo direto e indireto de Shibatani e Pardeshi (2002), já introduzida na seção (1.4.1) deste texto. Iniciamos pelo causativo indireto em (4.1). Em seguida, analisamos o causativo direto (4.2).

4.1 Causativo indireto

O causativo indireto é quase sempre expresso morfologicamente. A única exceção é o Cachinawa, descrito com uma forma independente *wa* ‘fazer’, que será analisada quando discutirmos a respeito dessa língua.

Todas as 12 línguas apresentam um morfema que pode ter sua estrutura sumarizada sob a forma {-mV}, em que ‘V’ é preenchido por uma vogal, seja /a/, como ocorre em nove (9) línguas; /e/ em duas (2); ou /i/ em apenas uma (1).

Outro morfema causativo que codifica o tipo indireto pode ter sua forma resumida em {-(a)n}, descrito em apenas duas (2) línguas: Cachinawa {-(a)n} e Yaminahua {-n}.

A forma {-ua}, descrita como um morfema e cujo primeiro segmento é fonologizado como uma vogal, só ocorre em Saynáwa; em Cachinawa, encontramos o causativo indireto {-man}, que ocorre somente nessa língua. Também temos o tipo indireto expresso por um morfema em Matses, o {-anmis}, que é descrito somente nesse idioma.

Ademais, o causativo indireto é encontrado em Matses por meio de raízes supletivas formalmente relacionadas, cuja diferença se resume às terminações /ke/ e /ka/ que exibem. A tabela 10 apresenta o que acabamos de descrever.

LÍNGUAS	*CAUSATIVO INDIRETO*						
Arara/Shawadawa	{-ma}	-	-	-	-	-	-
Chácobo	{-ma}	-	-	-	-	-	-
Capanahua	{-ma}	-	-	-	-	-	-
Kashibo-Kakataibo	{-mi}	-	-	-	-	-	-
Cachinawa	{-ma}	{-(a)n}	wa	{-man}	-	-	-
Matis	{-me}	-	-	-	-	-	-
Matses	{-me}	-	-	-	{-anmis}	S: ke/ka	-
Saynáwa	-	-	{-ua}	-	-	-	-
Shanenawa	{-ma}	-	-	-	-	-	-
Shipibo-Konibo	{-ma}	-	-	-	-	-	-
Yaminahua	{-ma}	{-n}	-	-	-	-	-
Yawanawa	{-ma}	-	-	-	-	-	-

Tabela 10. Mecanismos de codificação do causativo indireto em línguas Pano.

O morfema {-mV} é encontrado em todas as línguas do nosso *corpus*. Em Shipibo-Konibo, Valenzuela (2002) descreve o morfema {-ma} como um causativo geral (p. 435), igual morfema encontrado nas línguas Arara/Shawã, Chácobo, Capanahua, Cachinawa, Saynáwa, Shanenawa, Yaminahua e Yawanawá. Veja-se o exemplo (80) do Shipibo-Konibo, em que podemos ver que a semântica desse morfema vai desde o tipo direto ao indireto (VALENZUELA, 2002, p. 435).

(80) e-n-ra jo-ma-ke

1-ERG-EV vir-CAUS-CMPL

'I made/had/allowed/invited him (to) come'

'Eu fiz/pedi (para)/permiti/convidei ele (a) vir'

No entanto, quando há mais de uma opção disponível de causativização em Shipibo-Konibo, esse morfema se alinha ao tipo mais indireto. Essa distinção fica clara quando se causativiza, por exemplo, a raiz adjetival *ani* 'ficar grande, crescer' com {-ma} e a forma /ak/, em (81a) e (81b), retirados de Valenzuela (2002, p. 454).

(81a) e-n-ra bake ani-ma-ai

1-ERG-EV criança:ABS (ficar)grande-CAUS-INC

'I make/help the child grow (taking special care of her/him; e.g. by giving her/him special food or vitamins)'

'eu fiz/ajudei a criança crescer (cuidando dele/a, por exemplo, ao dar comida ou vitamina)'

(81b)	e-n-ra	bake	ani	a(k)-ai
	1-ERG-EV	criança:ABS	(ficar)	grande fazer.T-INC
	'I raised the child'			
	'Eu criei a criança'			

Outro instrumento com o qual podemos comparar o causativo indireto {-ma} do exemplo (82a) é o morfema {-n} no exemplo (82b). Novamente, a semântica causativa apresentada por {-ma} é a do tipo mais indireto, com um causado mais agente em comparação ao causado da oração derivada com {-n} (VALENZUELA, 2002, p. 455).

(82a)	e-n-ra	bake	nee-ma-ke	jiwi	bochiki
	1-ERG-EV	criança:ABS	no.alto-CAUS-CMPL	árvore	acima:O
	'I caused the child to go up on the tree (e.g.: by asking her/him to do it)'				
	'Eu fiz a criança ir para o alto da árvore (pedindo a ela/ele que o faça)'				

(82b)	e-n-ra	bake	nee-n-ke	jiwi	bochiki
	1-ERG-EV	criança:ABS	acima-TRNZ-CMPL	árvore	alto:O
	'I put the child up on the tree (I hold the child and put it on the tree)'				
	'Eu levantei a criança até a árvore (eu segurei a criança e a coloquei na árvore)'				

Além disso, o Shipibo-Konibo tem raízes verbais que codificam um tipo mais direto de causativo. Essas raízes podem ser detransitivizadas pelo morfema {-t}, cujo resultado pode, em seguida, ser causativizado com {-ma}. A leitura dessa derivação é de um causativo indireto, reforçando o tipo semântico que esse morfema codifica. Comparamos a raiz verbal *rate-* 'assustar' (VALENZUELA, 2002, p. 457) em (83a) e (83b):

(83a)	e-n-ra	bake	rate-ke
	1-ERG-EV	criança:ABS	assustar-CMPL
	'I scared the child (by hiring in the dark and coming out suddenly)'		
	'Eu assustei a criança (ao me esconder no escuro e surgir de repente)'		

(83b) e-n-ra bake raté-ma-ke

1-ERG-EV criança:ABS assustar:DTRNZ-CAUS-CMPL

'I let the child get scared (e.g., I left the child alone, and while I was away the child got scared; I feel responsible about it)'

'Eu deixei a criança se assustar (eu a deixei sozinha e, enquanto eu estava distante, ela se assustou; eu me senti responsável por isso)'

Em Matses, o causativo indireto é codificado pelo morfema {-me}. Esse morfema é tratado como um causativo geral e ocorre produtivamente tanto em bases verbais transitivas, intransitivas, ditransitivas e iterativamente. A exceção é um conjunto de raízes intransitivas e a cópula *ne* 'ser, estar' (FLECK, 2002, p. 376). Esta, no entanto, não é exemplificada pelo autor.

(84) aton mado-mpi-ø pe-me-o-ş

3GEN filho-DIM-ABS comer-CAUS-PAST-3

'S/he fed his/her little son'/ 'Ele/ela alimentou o bebê dele/dela';

-by holding his mouth open/ - mantendo a boca dele aberta;

-by feeding him with a spoon/ - alimentando-o com uma colher;

-by telling him to eat/ - dizendo a ele para comer;

-by handing him a plate of food/ - segurando para ele um prato de comida.

O morfema {-me} apresenta uma clara separação entre causativo direto e indireto quando se anexa a verbos intransitivos que já apresentam uma contraparte lexicalmente causativa – intransitivos que já têm seus correspondentes transitivos –, caso em que a semântica causativa obtida com {-me} não se alinha ao tipo direto (FLECK, op. cit., p. 378). O autor, no entanto, não apresenta nenhum exemplo para comprovar essa afirmação. Encontramos tão somente os verbos intransitivos e suas contrapartes transitivas derivadas (p. 392), os quais estão relacionados à semântica de causativo direto e, por isso, serão abordados em (4.2).

Raízes verbais formalmente similares também exibem uma situação causativa. Nos exemplos seguintes, de um lado temos a parte intransitiva terminada com *que* /ke/ e a transitiva com *ca* /ka/ (FLECK, 2002, p. 396-397).

(85a) nique *'run off (S plural)'/ 'fugir (S plural)';*

(85b) nica *'chase off, make run off (O plural)'/ 'afugentar, fazer fugir (O plural)'*.

Curiosamente, as contrapartes intransitivas não podem ser derivadas com o causativo {-me}. O exemplo (86b) mostra que a construção se torna agramatical se derivada com {-me} (FLECK, 2002, p. 397):

(86a)	sh-ictenam-i-ø	nique-o-sh
	porcão.do.mato-ABS	fugir:PL-PAST-3
	'he made white-lipped peccaries run off'	
	'ele fez o porcão do mato fugir'	

(86b)	*sh-ictenam-i-ø	nique-me-o-sh
	porcão.do.mato-ABS	fugir:PL-CAUS-PAST-3

Fleck (2002, p. 397) também descreve verbos que apresentam uma contraparte lexical causativa e que podem receber o sufixo {-me}, tais como:

(87a)	u-in-is-me	*'let die, cause to die'/ 'deixar morrer, causar morrer';*
(87b)	cues	*'kill'/ 'matar'.*
(88a)	chiuid-me	*'let, cause some liquid to spill'/ 'deixar, causar o líquido derramar';*
(88b)	chiuin	*'spill a liquid'/ 'derramar o líquido'.*

Para o autor, historicamente *que* /ke/ era um marcador intransitivo e *ca* /ka/ um marcador transitivo. A incompatibilidade de coocorrência entre *que* /ke/ e {-me} se daria porque um causativo teria de ser, no mínimo, bivalente. Isso não parece ser o caso, se consideramos, por exemplo, a possibilidade de {-me} se anexar ao seguinte verbo 'derramar' (FLECK, 2002, p. 397-398):

(89a)	chiuin	*'spill a liquid'/ 'derramar o líquido';*
(89b)	chiuid-me	*'let/cause some liquid to spill'/ 'deixar, causar o líquido derramar'.*

Se em (89b) *chiuid* é uma base que já sofreu derivação do detransitivizador {-a(d)} – responsável por intransitivizar verbos transitivos em Matses –, também não haveria possibilidade de o causativo produtivo {-me} se anexar a essa base, já que

ela necessitaria ser bivalente antes de sofrer a derivação com {-me}. Entendemos que a questão ainda permanece em aberto.

É interessante notar que *ca* /ka/ está associado com outro mecanismo considerado pelo autor como responsável pela expressão de uma relação causativa: a construção complexa com verbo principal e a forma *ca* /ka/ ‘falar”, da qual resulta um comando, orações chamadas de “quotativas” por Fleck (op. cit.).

Para Fleck, a interpretação de construções quotativas com *ca* /ka/ ‘falar’ é similar àquela de verbos transitivos causativos: embora “a própria construção não expresse uma relação de causatividade, as orações quotativas podem ser analisadas semanticamente como tal, já que ‘é esperado que o evento que venha a decorrer do evento causador, expresso pelo verbo principal seguido de *ka* ‘dizer’, será concluído’. Isso porque, culturalmente, é esperado que não se desobedeça ao comando expresso” (p. 400-401).

Na oração a seguir, há um alto nível de expectativa associado com o fato de que a filha obedecerá à mãe. No entanto, daí pode se seguir uma resposta negativa, em que a filha se recusa a obedecer sua mãe. É com base nesses aspectos, culturalmente ligados a essa construção, que Fleck considera que, em termos formais, não se trata de uma construção causativa propriamente dita, no entanto, sua leitura tem semântica causativa (FLECK, 2002, p. 401). No exemplo seguinte, a leitura causativa resultante do uso de ca /ka/ se encontra entre parênteses:

(90)	madia-n	madta-ø	acte-ø	ue-ø	ca-o-sh
	Maria-ERG	Marta-ABS	água-ABS	buscar-IMPER	dizer-PAST-3

‘Maria [Martha’s mother] told Martha to fetch water’ (Maria had/made Martha fetch water)

‘Maria [mãe de Marta] falou para Marta buscar água (Maria fez Marta buscar água)’

Outro causativizador em Matses é a nominalização com {-anmɨs}, um morfema nominalizador causativo (p. 403) que funciona para codificar um tipo de relação causal motivada por aspectos estritamente culturais. Veja-se a construção em (91) (FLECK, 2002, p. 404):

(91) podoto tsipis-anmɨs ne-e-c

feijão flatular-CAUSER.NZR ser/ter-NPAST-INDIC

‘Beans are ones that make [people] flatulent’

‘Feijões causam flatulências nas pessoas’ (lit.: feijões fazem as pessoas flatularem)’

Considerando algumas das características mencionadas por Fleck (2002, p. 405) quanto ao resultado do uso de {-anmɨs}, como (i). o estado [causado] deve ser provocado não-volicionalmente; e (ii). o evento deve ser provocado indiretamente, por meio de uma causa misteriosa e remota, bem como “a causa e o efeito são temporal e/ou espacialmente distantes; o causador aparenta não ter nenhum interesse na sua vítima; o controle e entendimento do evento causativo são inacessíveis ao participante afetado” (p. 406), fica claro que estamos diante de um causativo cuja semântica é indireta.

Ferreira (2005) descreve para o Matis um único causativo, o causativo morfológico realizado por meio do sufixo {-me}, que se anexa à raiz verbal principal. Segundo esse autor, “o sufixo causativo {-me} é muito produtivo na língua e seu uso, aparentemente, ocorre com qualquer tipo de raiz verbal (transitiva ou intransitiva)” (p. 111). Os exemplos com intransitivos (FERREIRA, 2005, p. 111-112) são dados a seguir. As contrapartes (a) são as orações básicas, enquanto aquelas com (b) são as causativas derivadas de (a). Como vemos, (92b) e (93b) mostram que {-me} se anexa a bases não derivadas dos exemplos (92a) e (93a), ‘banhar’ e ‘chorar’, que são raízes intransitivas. O exemplo (94), por sua vez, é de derivação causativa de um verbo transitivo, ‘comer’.

(92a) Dani-Ø nes-e-k

Dani-ABS banhar-N.PASS-DECL.

‘A Dani toma banho’

(92b) awɨ-n tʂutʂu-n nes-me-e-k Dani-ø

3P.SG-POSS irmã+velha-ERG banhar-CAUS-N.PASS-DECL Dani-ABS

‘Sua irmã mais velha fez a Dani banhar’

(93a) nukun tʃanpi-Ø win-e-k

1P.SG.POSS filha-ABS chorar-N.PASS-DECL

‘Minha filha está chorando’

(93b) ɨnbi nukun tʃanpi-Ø win-me-a-k

1SG.ERG. 1SG.POSS. filha-ABS. chorar-CAUS-PASS.REC-1/2:DECL

‘Eu fiz minha filha chorar’

(94) nawa-n tʃanpi-n awɨn wapa-ø

não índio-POSS. menina-ERG. 3.SG.POSS cachorro-ABS

pe-me-a-ʂ

comer-CAUS-PASS.REC-3.EXP

‘A filha do não índio alimentou seu cachorro’

O uso desse morfema mostra, em todos esses exemplos, a alteração da valência verbal da raiz na qual se afixa, aumentando a sua valência em um argumento. Isso fica claro por meio da marcação de caso ergativo do argumento introduzido na estrutura argumental, enquanto o sujeito original é demovido para a posição imediatamente disponível na estrutura argumental do verbo, o absolutivo.

O Cachinawa é a única língua descrita com uma construção perifrástica que deriva causativas de verbos intransitivos e transitivos, e que é analisada neste trabalho como codificadora do tipo semântico indireto. Estruturalmente, na construção perifrástica causativa, a forma *wa* ‘fazer’ acompanha o verbo principal e tem por função exprimir que o sujeito causador fez uma ação ser executada por outro participante que não ele (CAMARGO, 2013, p. 8). Vejam-se os exemplos com o verbo intransitivo *paxa* ‘fugir’ retirados de Camargo (2013, p. 8).

(95a) Madia paxa-ai

Madia-S fugir-INAC

‘Maria s’enfuit’

‘Maria fugiu’

(95b)	Madia-n	ea	paxa	wa-ai
	Madia-Ceur	1SG-EXant	fugir	fazer-INAC
	‘Maria me fait m’enfuir’			
	‘Maria me fez fugir’			

Para dar conta da distribuição desse causativo, é interessante a observação de Camargo (2013, p. 8) quanto à construção que envolve o verbo *besten* ‘acordar’. Segundo a autora, nessa língua não se admitem alguns verbos intransitivos derivados com o causativo perifrástico formado com *wa* ‘fazer, caso de *besten* ‘acordar’. É mais produtivo exprimir a ação ‘acordar alguém’ com o verbo transitivo *uin* ‘ver’ seguido de *wa* ‘fazer’ (CAMARGO, 2013, p. 15-16) resultando em ‘fazer ver’ em detrimento de *besten wa* ‘fazer alguém acordar’ (CAMARGO, 2013, p. 8), tal como nos exemplos (96a), que é a oração básica não derivada de (96b), onde encontramos a oração causativizada com o perifrástico wa ‘fazer’. A oração em (97a) corresponde à oração básica não derivada com o verbo uin ‘ver’, que sofre causativização em (97b) com o perifrástico wa ‘fazer’.

(96a)	Madia	besten-ai	
	Madia-S	acordar-INAC	
	‘Maria se réveille’		
	‘Maria acorda’		

(96b)	Madia-n	besten	wa-ai	
	Madia-A	acordar	fazer-INAC	
	‘Maria le/la réveille’			
	‘Maria o/a fez acordar’			

(97a)	Madia-n	Mudu	uin-ai	
	Madia-A	Mudu-P	observar/ver-INAC	
	‘Maria voit Mudu’			
	‘Maria viu Mudu’			

(97b)	Madia-n	Mudu	uin	wa-ai
	Madia-Ceur	Mudu-EXant	observar/ver	fazer-INAC

‘Maria fait voir à Mudu’ (lit.: Maria réveille Mudu)
‘Maria fez Mudu acordar’ (lit.: Maria fez Mudu ver)

Essas orações não nos ajudam a visualizar qual dessas duas causativas derivadas apresenta maior transparência estrutural entre o evento causador e causado, o que já nos permitiria cogitar a qual parte do *continuum* causativo a construção causativa perifrástica pertenceria em Cachinawa. Isso porque o causador é sempre marcado com o caso ergativo, argumento que, prototipicamente, inicia a ação e a controla, seja com *besten wa* ou *uin wa*, e o causado com o caso absolutivo, o de argumento mais paciente na oração transitiva.

O que nos ajuda a solucionar qual causativo essa construção perifrástica codifica é a correlação que já vimos entre intransitivos inativos e transitivos de um lado, e de intransitivos ativos com orações passivas e causativas, mas que carecem de uma contraparte transitiva não derivada de outro.

Levando isso em conta e a observação da autora sobre a produtividade da ação de “fazer acordar” sendo expressa por *uin wa*, parece que os falantes de Cachinawa preferem conceptualizar a ação de acordar alguém por meio de *uin wa* ‘fazer ver’, e não *besten wa* ‘fazer acordar’.

Embora improdutivo, *besten wa* não é bloqueado, o que nos faz descartar a hipótese de que haja uma contraparte transitiva de *besten* existente na língua e funcionando como causativa, já que há a possibilidade de formar a perífrase com este. Por outro lado, vemos que o verbo *uin* ‘ver’ é a opção mais produtiva, um verbo ambitransitivo, que quando empregado como intransitivo se comporta como S=A, ou seja, intransitivo ativo.

Por meio desses dados e a correlação que já observamos, diríamos que a ação de acordar alguém numa construção semanticamente direta é obtida com *besten wa*. No entanto, se se trata de uma semântica direta, então a ação de fazer alguém acordar pressupõe contato físico ou um causado paciente, bem como perfis espaço-temporais dos eventos causador e causado iguais. Poderíamos supor que, em Cachinawa, ‘acordar’ é o resultado de uma ação que não pode ser conceptualizada num único evento, mas sim por meio de um comando oral quando

se chama aquele que dorme. É por isso, portanto, que esse evento é codificado com semântica indireta, obtida com a construção *uin wa* ‘fazer ver’.

O Cachinawa também codifica o causativo indireto morfologicamente, com {-ma}, {-(a)n} e {-man}, que se anexam a verbos transitivos e intransitivos. Conforme Camargo (2013), as distinções assinaladas por cada um desses morfemas distinguem “se o executante [causado] tem um controle ou não sobre a ação, como também se o causador tem a intenção de desencadear a ação”. Descrevemos com base nos exemplos de Camargo (op. cit.) os morfemas causativos, analisados como instrumentos de causatividade indireta nessa língua. Mantivemos a terminologia causador e executante utilizadas em Camargo (2013), que se referem, em respectivo, ao causador e causado de Shibatani e Pardeshi (2002).

Numa construção causativa com {-ma}, o sujeito determina uma transformação afetando outro participante: o sujeito causador (Ceur) age sobre o executante (EXant), que executa a ação desencadeada pelo primeiro (p. 9). O exemplo a seguir é com o intransitivo *tsau* ‘sentar’[16] (CAMARGO, 2013, p. 9).

(98a) Madia tsau-a

Madia-S sentar.se-ACC

‘Maria s’est assise’

‘Maria se sentou’

(98b) Madia-n Mudu tsau-ma-a

Madia-Ceur Mudu-EXant sentar.se-CAUS.CONTR.EXant-ACC

‘Maria a fait s’asseoir Mudu’

‘Maria fez Mudu se sentar’

Os exemplos (99) e (100) nos ajudam a vislumbrar a abrangência que esse morfema alcança no que se refere ao *continuum* semântico-formal de causatividade trabalhado aqui.

[16] Outros verbos intransitivos mencionados pela autora que também podem receber {-ma} incluem: *hiwe ‘viver, habitar, existir’*/hiwe-ma (existir-CAUS) ‘fazer existir’; tsau ‘se assentar’/tsau-ma ‘fazer alguém se assentar’; bute ‘descer’/bute-ma ‘fazer descer’; dain ‘passar diante dos olhos (ser visto)’/dain-ma ‘fazer alguém ser visto’; hiki ‘entrar’/hiki-ma ‘fazer entrar’; ixtxu ‘pular/saltar’/ixtxu-ma ‘fazer saltar’; kain ‘sair’/kain-ma ‘fazer sair’; kuxi ‘correr’/kuxi-ma ‘fazer correr’; naxi ‘se banhar’/naxi-ma ‘fazer alguém se banhar’; pui ‘defecar’/pui-ma ‘fazer defecar’; puke ‘atravessar’/puke-ma ‘fazer atravessar’ (CAMARGO, 2013, p. 9).

(99) yuxin betsa debu-yama-xun, metxu-xun, ø
yuxin outro.Ceur morrer-ACH-S≠A pegar-A≠S[17] 3SG.EXant

metxu-xun, ø kuxi-ma-ni
pegar-A≠S 3SG.EXant correr-CAUS.CONTR.EXant-ASP.INDF

Kuxi-ma-bain-ki [kiaki]
correr-CAUS.CONTR.EXant-CENTRF.PL-ASS DISC.RAPP

'Le yuxin d'une autre personne décédée l'a pris aves ses mains et l'a fait courir Ils l'ont fait courir partout, a t-on-dit'

'[Diz que] o yuxin de outra pessoa que morreu a pegou pelas mãos e a fez correr. Eles os/as fizeram correr por todo lado'

(100) Bimi-n Maya kene-ma-ai
Bimi-Ceur Maya-Exant escrever-CAUS.CONTR.EXant-INAC

'Bimi permet à Maya d'écrire' (car elle se sert du cahier/des papiers de Bimi)

'Bimi permitiu Maria escrever' (porque ela usa dos papéis/cadernos de Bimi)

Em (99), a leitura de causativo direto é clara, dada a ação do causador, o espírito *yuxin*, sobre o causado: este é pego pelas mãos pelo espírito e levado a correr, o que configura um causado paciente, que executa a ação desencadeada pelo causador por meio de contato físico.

Em (100), a leitura não pode ser outra que não de causativo indireto. Isso é possível com base na tradução dessa oração, que mostra um provável causativo permissivo: o causador, Bimi, permite ao causado, que é Maria, escrever, o que pode ter sido obtido por meio de um comando oral. O causativo com {-ma} parece codificar todos os matizes semânticos até então vistos e trata-se de um causativo geral.

Contudo, quando há mais de um causativo disponível, {-ma} se alinha ao tipo mais indireto. Comparem-se as construções (101) (CAMARGO, 2013, p. 9), cujo verbo principal é *uin* 'ver' justaposto à forma *wa* 'fazer*'* e (106) com causativo morfológico {-ma} (p. 11):

[17] Camargo (2013, p. 28) não define o significado de A≠S. Inferimos, a partir do que a autora diz sobre S≠A, que A≠S seja "argumento agente da principal diferente do argumento único da subordinada".

(101) Madia-n Mudu uin wa-ai

Madia-Ceur Mudu-EXant observar/ver fazer-INAC

'Maria fait voir à Mudu' (Lit.: Maria réveille Mudu).

'Maria fez Mudu acordar (Lit.: Maria fez Mudu ver)' (CAMARGO, 2013, p. 9)

(102) ha-wen besu, ø mia

3-GEN face.A, 3SG.Ceur 2SG.EXant

uin-ma-a-ma-dan

ver-CAUS.CONTR.EXant-ACC-NEG-FOC

'Son visage, il ne te le laisse pas voir' [lit.: Son visage, il ne te le fait pas voir].

'Sua visão, ela não te deixa ver' [lit.: tua visão, ela não te faz ver] (CAMARGO, 2013, p. 11)

Já discutimos a semântica causativa da oração (101) em momento anterior, quando mostramos que essa construção perifrástica codifica o tipo indireto. Quanto a (102), para a qual o causativo com {-ma} também se aplica, entendemos que esse tipo, na possibilidade de haver mais de um causativo disponível, se alinha ao causativo indireto assim como a construção perifrástica. Concorre para isso o fato de que a visão impedir alguém de ver é possível somente se entendermos a semântica dessa obstrução como indireta.

O morfema {-(a)n} deriva uma situação causativa em que o causado efetua uma ação em favor do causador*:* o causador desencadeia uma ação que ele próprio controla, e o executante a realiza, contudo, a seu contra gosto. Vejamos os exemplos (103) e (104) (CAMARGO, 2013, p. 12-13).

(103) Bimi-n kuxi-xu-ki

Bimi-S correr-ACH-ASS

'Bimi a couru'

'Bimi correu'

(104) Bimi-n mia kuxi-n-xu-ki

Bimi-EXant 2SG-Ceur correr-CAUS.CONTR.EXant-ACH-ASS

'Tu as fait courir (contre son gré) Bimi pour toi'

'Você fez Bimi (contra seu gosto) correr'

Sintaticamente, o causado é marcado como agente por meio do morfema de caso ergativo {-n}, e o causador é tratado como um oblíquo (CAMARGO, 2013, p. 11)[18]. Essa construção é um tanto peculiar, desde o ponto de vista sintático ao semântico, haja vista que é a única língua do *corpus* em que temos um causador marcado como oblíquo, enquanto o causado é marcado com ergativo. Além disso, semanticamente, essa construção apresenta uma leitura próxima a de uma construção benefactiva (p. 12-13).

Considerando o critério de independência estrutural, já vimos que tanto na construção causativa direta quanto a indireta o que interessa é a codificação do causado, se agente ou paciente. Com isso, se o causado da oração derivada (105) é agente, podemos definir o causativo com {-(a)n} como indireto.

As diferentes nuances semânticas dos causativos analisados até aqui são comparadas nas orações derivadas com a perífrase formada por *wa* 'fazer' e os morfemas {-ma} e {-(a)n} a seguir (CAMARGO, 2013, p. 14).

(105a)	Madia-n	dau	wa-a-bu	
	Madia-A	remédio-P	fazer-ACC-PL	
	'Maria prepare des remèdes'			
	'Maria prepara os remédios'			
(105b)	Madia-n	Mudu	dau	wa-ma-a-ki
	Madia-Ceur	Mudu-EXant	remédio-P	fazer-CAUS.CONTR.Ceur-ACC-ASS
	'Maria fait Mudu préparer des remèdes'			
	'Maria faz Mudu preparar os remédios'			

[18] Outros verbos, neste caso, intransitivos, aos quais {-a}n se associa são os seguintes: bu 'ir' (plural)/bu-na '*causateur* faz o executante ir pelo *causateur*; ixtxu 'saltar, saltitar'/ixtxu-n '*causateur* faz o executante pular/saltitar pelo *causateur*'; kuxi 'correr'/kuxi-n '*causateur* faz o executante correr pelo *causateur*'; tsau 'se assentar'/tsau-n '*causateur* faz o executante se sentar pelo *causateur*'; uxa 'dormir'/uxa-n '*causateur* faz o executante dormir pelo *causateur*'. Com verbos bivalentes: bi 'pegar'/bi-an '*causateur* faz o executante pegar alguma coisa para o *causateur*'; dete 'bater'/dete-n '*causateur* faz o executante bater em alguém por ele (Ceur)'; pi 'comer'/pi-na '*causateur* faz o executante comer alguma coisa pelo *causateur*'; tsaka 'matar'/tsaka-n '*causateur* faz o executante matar alguém por ele (Ceur)'; wa 'fazer'/wa-n '*causateur* fazer o executante fazer alguma coisa por ele (Ceur)' (CAMARGO, 2013, p. 12).

(105c) Madia-n Mudu dau wa-n-a-ki

Madia-EXant Mudu-Ceur remédio-P fazer-CAUS.CONTR.EXant-ACC-ASS

'Mudu a fait Maria préparer des remèdes pour lui'

'Mudu fez Maria preparar os remédios para ele (Mudu)'

De acordo com Camargo (2013, p. 14-15), o causativo {-man} serve para expressar que um *causador* desencadeia/instiga uma ação sem intenção, permitindo a um causado realizá-la. Vejamos a oração (106), na qual o causador levava sua canoa sem autorização, o que fez a polícia tomá-la.

(106) e-n xaxu bu-kin,
1SG-GEN canoa.P trazer-A=A

e-n pudisia mebin-man-a
1SG-Ceur polícia.EXant levar-CAUS.CONTR.Ceur-ACC

ik-aya
SVintr-temporal

'Je conduisais mon canot quand la police s'en est emparée' [lit.: J'apportais mon canot quand je le fais emparer à la police].

'Eu conduzi minha canoa quando a polícia a parou' [lit.: eu trouxe minha canoa quando eu a fiz ser tomada pela a polícia].

Outro exemplo desse tipo é (107). Neste, Mana faz seus deveres e Mudu, um bebê, lhe perturba. O enunciado expressa que Mana, sujeito causador, não tem controle sobre Mudu. Neste contexto, Mudu seria um bebê que não se comporta e não cessa de engatinhar de quatro. Mana, responsável por cuidar do irmão, tem atividades/deveres a fazer, mas não pode por conta do bebê, que não se aquieta, e lhe impossibilita trabalhar. Desse modo, {-man} implica que o causador não tem nenhum controle sobre a ação, permitindo que qualquer outro efetue as ações imprevistas, o que aponta para um causativo indireto (CAMARGO, 2013, p. 15).

(107) Mana-n Mudu kene-man-ma-ai

Mana-Ceur Mudu-EXant escrever/estudar-CAUS.CONTR.Ceur-NEG-INAC

'À cause de Mudu, Mana n'étudie pas' (lit.: Mana s'est fait déranger ses études par Mudu)

'Por causa de Mudu, Mana não estuda (lit.: Mana está interrompida de fazer seus estudos por causa de Mudu)'

Conforme o que vimos, todos os causativos do Cachinawa, desde o perifrástico ao morfológico, codificam o tipo indireto, com a ressalva de que o morfema {-ma}, quando única possibilidade de causativização, é um causativo geral, pois também codifica o tipo direto.

Em Kashibo-Kakataibo, o morfema {-mi} funciona como um causativo geral, dado que se anexa a todo tipo de verbo, intransitivos, transitivos e ditransitivos, bem como a alguns nomes e adjetivos. Além disso, a semântica causativa codificada por {-mi} pode abranger tanto o causativo direto como o indireto. Provavelmente, assim como vimos em Shipibo-Konibo e Matses, isso ocorre nos casos em que a única possibilidade de causativização é esse morfema, o que parece ser verdade quando, segundo Zariquiey (2011, p. 687), para a maioria dos transitivos, {-mi} é o único causativo disponível. Vejamos alguns exemplos desse causativo com verbo intransitivo, transitivo e ditransitivo (ZARIQUIEY, op. cit., p. 687):

(108)	‘ë=n	kana	Maria	ransa-mi-ti	‘ain
	1sg=A	NAR.1sg	Maria.ABS	dançar-CAUS-NOM	ser.1/2p
	‘I will make Maria dance’				
	‘Eu farei Maria dançar’				

(109)	‘ë=n	kana	bata	
	1sg=A	NAR.1sg	doce.ABS	
	Maria	bits-mi-ti		‘ain
	Maria.ABS	pegar-CAUS-NOM		ser.1/2p
	‘I will make Maria pick up (i.e. buy) candy’			
	‘Eu farei Maria pegar (i.e.comprar) doce’			

(110) ‘ë=n kana bata
1sg=A NAR.1sg doce.ABS

Maria Juan ‘inan-mi-ti ‘ain
Maria.ABS Juan.ABS dar-CAUS-NOM ser.1/2p
‘I will make Juan give candy to Maria’
‘I will make Maria give candy to Juan’
‘Eu farei Juan dar doce para Maria’
‘Eu farei Maria dar doce para Juan’

Há casos, no entanto, em que causativos direto e indireto apresentam uma divisão. Dentre estes casos está a possibilidade do uso do aplicativo associativo {-kin}, como em (111). Neste, o evento denotado pelo verbo é realizado de forma indireta pelo causador, diferentemente de (112), quando esse aplicativo não pode ser usado e, portanto, o evento de alimentar é entendido de forma direta, caso em que se dá comida para o bebê, abrindo-lhe a boca, como podemos imaginar (ZARIQUIEY, 2011, p. 688):

(111) ‘ë=n kana ‘ë=n
1sg=A NAR.1sg 1sg=GEN

‘aintsi pi-mi-(kin)-ti ‘ain
parente.ABS comer-CAUS-(APL)-NOM ser.1/2p
‘I will feed my relative (I will provide food to them)’
‘Eu vou alimentar meu parente (Eu vou dar comida para ele)’

(112) ‘ë=n kana ë=n
1sg=A NAR.1sg 1sg=GEN

tua pi-mi-ti ‘ain
criança.ABS comer-CAUS-NOM ser.1/2p
‘I will feed my baby (I will put the food into his mouth)’
‘Eu vou alimentar meu bebê (Eu vou colocar a comida na sua boca)’

A fronteira entre causativo direto e indireto também é vista claramente quando há disponível a derivação a partir de nomes e adjetivos com {-mi}. Neste caso, a leitura causativa é indireta.

Como já mencionado, em línguas Pano, nomes e adjetivos podem funcionar como predicados sem necessitar de qualquer derivação para tal, função em que são usados como verbos incoativos, do tipo 'ficar X', em que X é a propriedade do nome ou adjetivo em questão. Quando predicadores, a única diferença morfossintática dos nomes e adjetivos em relação aos verbos é que podem receber um sufixo factivo {-o} ~ {-a}. O resultado dessa derivação é uma interpretação causativa do tipo direta. Vejam-se os exemplos abaixo (ZARIQUIEY, 2011, p. 694):

(113a)	kini	*'hole (noun)'/ 'buraco (N)'*
(113b)	kini-	*'to get a hole'/ 'fazer um buraco'*
(113c)	kinio-	*'to make a hole on something'/ 'fazer um buraco em alguma coisa'*
(113d)	kinimi-	*'to be careless and let something get holes'/ 'ficar descuidado e deixar algo ficar esburacado'*
(114a)	chaxkẽ	*'long (adjective)'/ 'longo' (Adj)*
(114b)	chaxkẽ-	*'to become long'/ 'ficar longo'*
(114c)	chaxkẽo-	*'to make something long (by adding an extension, for instance)'/ 'fazer alguma coisa longa (adicionando uma extensão)'*
(114d)	chaxkẽmi-	*'to let something become long' (i.e. to let a tree grow)/ 'deixar alguma coisa ficar longa' (deixar uma árvore crescer)*

Em trabalho publicado durante o desenvolvimento desta dissertação, analisamos em Santos (2016) uma proposta para a distribuição dos causativos do Shanenawa descritos em Cândido (2004).

Cândido (2004, p. 119-120) descreve duas estratégias para a expressão da causatividade na língua Shanenawa. A primeira, por meio de um sufixo anexado ao verbo principal, {-wa}, que é cognato com o verbo 'fazer' na língua. O segundo, também um sufixo, {-ma}, anexado ao verbo principal da oração. Analisamos ambos

a seguir. Primeiro, vejam-se os exemplos apresentados pela autora (CÂNDIDO, 2004, p. 119-121). No primeiro conjunto (115a, 115b) e (116a, 116b), temos a derivação com {-ma} a partir dos verbos *ʂian* ‘chorar’ e *ɾɨtɨ* ‘matar’.

(115a) faki-ø ʂian-a-ki
menino-ABS chorar-PAS-DECL
‘O menino chorou’

(115b) kaman-na faki-ø ʂian-ma-a-ki
cachorro-ERG menino-ABS chorar-CAUS-PAS-DECL
‘O cachorro fez o menino chorar’

(116a) faki-n ɾunu-ø ɾiti-a-ki
Menino-ERG cobra-ABS matar-PAS-DECL
‘O menino matou a cobra’

(116b) ɨwan-n faki-n ɾunu-ø ɾiti-ma-a-ki
mãe-ERG menino-ERG cobra-ABS matar-CAUS-PAS-DECL
‘A mãe fez o menino matar a cobra’

Os exemplos seguintes são da ocorrência de {-wa} com um verbo, ‘correr’ (CÂNDIDO, 2004, p. 121), um adjetivo ‘quente’ e um nome ‘fogo’[19].

(117) jumaj-ni nukuhuni-ø itʃu-wa-a-ki
onça-ERG homem-ABS correr-CAUS-PAS-DECL
‘A onça fez o homem correr’

(118) ø ini ʃana-wa
3sg.ABS água quente-CAUS
‘ela esquentou a água’

[19] Os dados de 118 e 119 foram gentilmente cedidos pela autora.

(119) tʃi wa-wɨ

fogo CAUS-IMPER

‘acender fogo’ (lit.: fazer fogo)

Com base nesses dados, a autora afirma que {-wa} é um alomorfe de {-ma}, considerando-se a semelhança fonética desses segmentos, [w] e [m]. No entanto, essa hipótese não se sustenta.

Primeiramente, se considerarmos as raízes verbais nas quais os causativos se anexam, veremos que elas apresentam contextos iguais: ocorrem depois de uma raiz terminada por vogal.

Conforme as tabelas a seguir, temos raízes terminadas com as vogais /a/, /i/ e /u/ a partir das quais {-wa} deriva causativos (tabela 11), enquanto {-ma} se anexa a raízes que terminam com /a/, /i/ e /ɨ/ (tabela 12). Essas vogais representam basicamente todo o sistema vocálico dessa língua, formado por /a/, /i/, /ɨ/ e /u/ (CÂNDIDO, op. cit., p. 35). Se há motivação fonética para o alomorfe {-wa}, ela não é condicionada pelas vogais. Acresce ainda o fato de que na descrição dos fones do Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 34-35), a única variante encontrada para o fonema /w/ foi [β], o que mostra que tampouco e em qualquer outro contexto esse som varia com /m/.

PORTUGUÊS	SHANENAWA	MORFEMAS	SIGNIFICADO
correr	itʃu-	it**ʃu**- + {-wa}	‘fazer correr’
comer	pi-	p**i** + {-wa}	‘fazer comer’
quente	ʃana-	ʃan**a**- + {wa}	‘fazer ficar quente’

Tabela 11. Exemplos de {-wa} anexado à raiz terminada em vogal.

PORTUGUÊS	SHANENAWA	MORFEMAS	SIGNIFICADO
trabalhar	ɾaja-	ɾaj**a**- + {-ma}	‘fazer trabalhar’
matar	ɾitɨ-	ɾit**ɨ**- + {-ma}	‘fazer matar’
comer	pi-	p**i** + {-ma}	‘fazer comer’

Tabela 12. Exemplos de {-ma} anexado à raiz terminada em vogal.

Além disso, os exemplos das tabelas 11 e 12 mostram o padrão mais comum de sílabas por palavra na língua, duas. Não resta dúvida, portanto, de que não há motivação para uma possível alomorfia entre ambos os morfemas, seja da raiz verbal, ou do padrão mais comum de sílabas por palavra.

Diante disso, entendemos que a distribuição dos tipos causativos em Shanenawa é condicionada por outra natureza. Entendemos que condição é

semântica e a diferença que reside entre eles pode ser capturada pela noção de causativo “direto” e “indireto” aplicada ao nosso *corpus*.

A partir do critério de transparência morfológica (SHIBATANI e PARDESHI, 2002), podemos lançar novo olhar sobre os dados do Shanenawa. Consideremos os exemplos a seguir, repetidos por conveniência em (120) e (121) (CÂNDIDO, 2004, p. 120-121):

(120) ɨwan-n faki-n ɾunu-ø ɾiti-ma-a-ki

mãe-ERG menino-ERG cobra-ABS matar-CAUS-PAS-DECL

‘A mãe fez o menino matar a cobra’

(121) jumaj-ni nukuhunɨ-ø itʃu-wa-a-ki

onça-ERG homem-ABS correr-CAUS-PAS-DECL

‘A onça fez o homem correr’

Em (120), com {-ma}, temos o causador bem como o causado marcados com caso ergativo por meio do morfema casual {-n}. Em seguida, em (121), temos o causador marcado com caso ergativo pelo alomorfe {-ni}, condicionado pela raiz verbal. No entanto, isso não acontece com o causado, cuja marca é de caso absolutivo, um morfema-zero. Assim, em (120), a estrutura do evento causado apresenta uma independência tal que o seu sujeito, o causado, pode manter a marca da oração não derivada, enquanto em (121) isso não é possível. Diante disso, no primeiro caso temos o causativo de tipo indireto, codificado pelo morfema {-ma}, e, no segundo, o tipo direto, por meio do morfema {-wa}, que aparentemente tem sua fonte no verbo independente cognato da língua, wa ‘fazer’.

É interessante notar, no entanto, o seguinte exemplo com {-wa}, a partir do qual a proposta que apresentamos parece não se adequar, dado que não deveríamos ter causador e causado marcados com caso ergativo (CÂNDIDO, 2004, p. 121):

(122) awinhu -n faki-hu-n ʂipi-ø pi-wa-a-ki

mulher-ERG criança-DEF-ERG banana-ABS comer-CAUS-PAS-DECL

‘A mulher fez a criança comer banana’

Esse exemplo, no entanto, pode ser entendido a partir da própria semântica e pragmática que o evento com o verbo ‘comer’ denota. Não somente ‘comer’, como também ‘beber’, ‘aprender’, ‘cheirar’ etc., chamados em Shibatani e Pardeshi (op. cit., p. 94) de “ingestivos”, pressupõem que ao mesmo tempo em que algo está sendo ingerido pelo corpo, como no caso de ‘comer’, o que denota um evento em que aquele que come é paciente, também temos um evento agentivo, porque aquele que come está ingerindo algo, o que deve ser o caso em (122) acima.

Em Chácobo (ZINGG, 1998; TALLMAN, 2013a, 2013b), encontramos {-ma} como morfema causativizador: Vejam-se os exemplos (123) e (124) retirados de Tallman (2013a, p. 13-14):

(123) haba-ma-yam~~ɨ~~-k~~ɨ~~
correr-CAUS-HEST-CMPL
‘Él lo hizo corer ayer’
‘Ele o fez correr ontem’

(124) tʃani-mis-ma-k~~ɨ~~
falar-HAB-CAUS-CMPL
‘Él siempre hace que alguien habla’
‘Ele sempre faz que alguém fale’

Há poucos dados para concluirmos qual a semântica causativa esse morfema expressa. Momentaneamente, podemos dizer que {-ma} é um causativo geral, como temos visto para as outras línguas Pano descritas até o momento quando essa forma é a única disponível para derivar causativas.

Em Yaminahua, Faust e Loos (2002) apresentam três tipos de causativos, dentre os quais os morfemas {-ma} e {-n}. O primeiro ocorre com verbos transitivos, como no exemplo (125) (FAUST e LOOS, 2002, p. 58) e intransitivos, enquanto {-n} só é anexado a raízes intransitivas. Superficialmente, {-n} é realizado pela nasalização da última vogal da raiz, como em *oxa* ‘dormir’ e *oxã* ‘fazer dormir’ (FAUST e LOOS, 2002, p. 103) de (126b):

(125) Fake-fafẽ xiki pi-ma-i takara
criança-PL-(ERG) milho comer-CAUS-PROG galinha
'Los muchachos van a darles maíz de comer a las gallinas'
'Os meninos vão dar de comer milho para as galinhas'

(126a) Mã afẽ fake oxa
já seu filho dormir-(COMP)
'Su hijo ya se durmió'
'Seu filho já dormiu'

(126b) Afã oxã afẽ fake
sua.mãe dormir-(fazer)-(COMP) seu filho
'La mamá hizo dormir a su hijo (cantando)'
'A mãe fez o filho dormir (cantando)'

Não temos evidências que ajudem quanto à distribuição no espectro semântico-formal da causatividade, com exceção dos seguintes fatos: primeiro, o de que todas as formas descritas com {-mV} até então no nosso *corpus* sempre funcionam como um causativo geral, casos em que é o único mecanismo disponível para derivar a causatividade; do contrário, se alinha a um causativo do tipo indireto; segundo, é difícil imaginar, embora não seja impossível, que as galinhas de (126) receberão o milho na boca, o que configuraria um evento causativo direto. Com {-n}, por outro lado, temos a evidência, em (126b), de que pode se tratar de um causativo indireto, dada a forma pela qual 'a mãe fez o filho dormir', que Faust e Loos (2002) traduzem por 'cantando'. Com isso, consideramos que os morfemas {-ma} e {-n}, em Yaminahua, expressam o tipo indireto de causativo.

O Yawanawá tem um esboço da descrição sobre a causatividade em De Paula (2004) e Souza (2013). Em ambos, encontramos a forma {-ma}, que é glosada como morfema causativo pelos autores. O exemplo (127) é retirado de De Paula (2004, p. 207), enquanto (128) é encontrado em Souza (2012, p. 109).

(127) ɾasu-n ʃaia-ø kãi-ma-pai-ma
NP-ERG NP-ABS sair-NEG-DES-CAUS
'Rasu não quer que Shaya saia'

(128) wixi-tapi-ma-ti peshe

escrever-aprender-CAUS-NMLZ.INS casa

'escola' (lit. casa de fazer aprender a escrever)

Também não temos muitas evidências estruturais que ajudem a definir a semântica causativa que {-ma} expressa. O que nos ajuda aqui, de alguma forma, é a tradução das orações (127) e (128). Ambas parecem se inclinar para um causativo indireto, em especial (128), já que a escola 'faz aprender a escrever' provavelmente não ao 'pegar em nossas mãos e fazer-nos escrever', e sim escrever no sentido mais leigo e amplo do termo que uma comunidade indígena provavelmente se referirá, o de por em palavras a sua língua.

Na descrição da fonologia do Saynáwa, realizada por Couto (2015), encontramos exemplos da ocorrência do morfema {-ua}, que é glosado como causativo indireto 'CAUS.IN' nessa língua. Vejamos o exemplo (129) a seguir (COUTO, 2015, p. 51):

(129) iStʃu-ua-N

fugir-CAUS.IN-para.exterior

'espantar' (lit. Ele fugiu para fora)

Esse é o único exemplo da ocorrência de {-ua} que encontramos em Couto (2015) e, por isso, dificulta qualquer análise, ainda que preliminar, sobre a semântica desse causativo. Uma hipótese é que, por outro lado, apesar de ser analisado com semântica indireta, é provável que 'espantar' ou, literalmente, 'fazer algo fugir para fora' possa ser um evento levado a cabo por meio de manipulação física do causado. Sendo assim, teríamos um causativo geral.

Em Arara/Shawã, encontramos alguns exemplos de Cunha (1993) com a forma *va*, glosada por "fazer". Vejam-se os exemplos (130) (p. 119) e (131) (p. 152) a seguir:

(130) mã dɨkĩ ʃara va biʃ

vocês nós bem fazer FREQ

'vocês gostam da gente' (lit. "vocês nos fazem bem")

(131)	rĩdɨ	istɨkɨ	tʃatʃi-a	va-i		
	cobra	macaco	picar-TRNZ	fazer-TNR		
	kãmã	tʃatʃi	va-i	vakihɨ	tʃatʃi	a
	cachorro	picar	fazer-TNR	criança	picar	TRNZ

‘as cobras morderam o macaco, o cachorro e o menino’

O exemplo (130) é possível tanto como causativo direto, quanto indireto, já que ‘fazer bem’ a alguém pode ser obtido com manipulação física do causado, nos casos em que alguém alimenta outrem, ou faz carinho com as mãos; bem como indiretamente, por meio de palavras aconchegantes etc.

Já a oração de (131) apresenta uma situação causativa que, do ponto de vista do critério de independência estrutural, seria considerada um causativo indireto, já que a ocorrência de *va* em cada sintagma verbal indica que o evento tem espaço e tempo distintos, o que deve ser o caso, pois as cobras não morderiam todos os animais ao mesmo tempo. Por outro lado, uma oração elicitada pode ser afetada estruturalmente, ao ponto de que as várias ocorrências de *va* em (131) podem estar condicionadas à metodologia de coleta utilizada. Além disso, se considerarmos que esse método de coleta é, por vezes, impraticável na elicitação de dados com a extensão de ‘as cobras morderam o macaco, o cachorro e o menino’, orações causativas elicitadas de tal extensão podem ser colocadas em xeque quanto a sua funcionalidade.

Podemos dizer, considerando os dois anteriores do Arara/Shawã, que a forma *va* ‘fazer’ é um causativo geral, pois semanticamente pode codificar tanto o tipo direto, quanto indireto.

Em Loos e Loos (2003), encontramos a forma {-ma} descrita como causativo para o Capanahua. Veja-se um exemplo de oração derivada com esse morfema (LOOS e LOOS, 2003, p. 33):

(132a)	bih-quin
	pegar-ENL
	‘lo cogió’
	‘pegou-o’

(132b) bih-ma-quin

pegar-CAUS-ENL

'hizo que él lo cogiera'

'fez que ele o pegasse'

(132c) bih-ma-ma-quin

pegar-CAUS-CAUS-ENL

'obligó que éste hiciera a ése que lo cogiera'

'obrigou que este fizesse a aquele que o pegasse'

Entendemos que esse causativo expressa o tipo indireto, principalmente porque é possível que ocorra iterativamente, como em (132c), possibilidade indisponível para um causativo que codifique somente o tipo direto, já que um evento único não poderia ser derivado pelo mesmo mecanismo de derivação.

4.2 Causativo direto

Diferentemente do causativo indireto, o causativo direto apresenta mais instrumentos para sua codificação. Isso porque esse tipo semântico de causativo pode ser realizado por meio de raízes supletivas formalmente relacionadas ou não 'S', bases lexicalizadas 'BL', morfemas causativos e uma forma verbal independente traduzida por 'fazer'. A tabela, a seguir, mostra todos os mecanismos que as línguas do nosso *corpus* utilizam para a realização do tipo direto.

LÍNGUAS	*CAUSATIVO DIRETO*					
	supleção	*Morfológico {-mV}*	*Bases Lexicalizadas*	*Morfológico {-n} ou {-N}*	*Morfológico ou perifrástico com forma {-wa} ou {-ua}*	*Perífrase*
Arara/Shawadawa	-	-	-	-	-	-
Chácobo	S	-	-	-	{-wa}	-
Capanahua	-	-	-	-	-	-
Kashibo-Kakataibo	S	-	ki/ka t/n	-	-	-
Cachinawa	-	-	-	-	-	-
Matis	-	-	-	-	{-wa}	-
Matses	S	-	BL: n/d	-	-	ua [wa]
Saynáwa	-	{-ma}	-	{-N}	-	-
Shanenawa	-	-	-	-	{-wa}	-

Shipibo-Konibo	S	-	-	{-n}	-	ak; ik-/ak-
Yaminahua	S	-	-	-	-	-
Yawanawa	-	-	-	-	ua	-

Tabela 13. Mecanismos de codificação do causativo direto em línguas Pano.

Em Matses, o causativo direto pode ser obtido via supleção de formas formalmente não relacionadas, como em (133) e (134), ou formas relacionadas, caso de (135a) e (135b):

(133) uinis *'die'/ 'morrer'*;

(134) ak *'kill'/ 'matar'*.

(135a) ischud *'swing (intr.)'/ 'balançar-se'*;

(135b) ishcun *'swing (tr.)'/ 'balançar'*.

Em (135a) e (135b), vemos que a única diferença entre ambos é o último segmento. De um lado temos /d/, e de outro, /n/. Sabendo que o Matses possui uma forma detransitivizadora de estrutura {-a(d)}. Fleck (op. cit.) supõe que se trate de uma forma derivada desse morfema, embora não segmentável sincronicamente. No caso da contraparte transitiva com /n/, e tendo em mente que a forma /n/ é geralmente associada com transitividade, também pode-se supor que essa seja a origem da derivação que resultou na forma em questão que, contudo, não é divisível sincronicamente (p. 396).

Ademais, encontramos um transitivizador improdutivo e irregular de estrutura *ua* [wa] (FLECK, 2002, p. 394):

(136a) uinis *'die'/ 'morrer';*

(136b) uinisua *'kill, make die, let die'/ 'matar, fazer morrer, deixar morrer'.*

(137a) noad *'float'/ 'flutuar'*;

(137b) noadua *'make float'/ 'fazer flutuar'*.

(138a) uidin *'be securely in place'/ 'estar seguro'*;

(138b) uidinua *'hold, fasten, immobilize'/ 'segurar, firmar, imobilizar'*.

A fonte dessa forma é transparente etimologicamente tal como vimos para a estrutura *ak* ‘fazer’ do Shipibo-Konibo e {-wa} do Shanenawa. Sua etimologia provém do verbo independente *ua* ‘fazer’, que também pode ocorrer com nomes (139) e adjetivos (140), além de verbos. Ilustramos, a seguir, alguns exemplos (FLECK, 2002, p. 394).

(139) aid-bi-ø chotac-n shubu ua-c-c
aquele-EMPH-ABS não.Matses-ERG casa fazer-NPAST-INDIC
‘Non-Matses make houses out of those’ [fronds from a species of palm]
‘Não Matses fazem casas daquelas’ [folhas de uma espécie de palmeira]

(140) aton bakuɨ chu ua-shun
3GEN fruta-ABS esquentar fazer-depois:S/A>A
chocuesha-shun ac-quid
espremer-depois:S/A>A beber-HAB
‘After warming its fruits, after mashing them, they [Matses] drink it’
‘Depois de esquentar suas frutas, depois de misturá-las, eles [Matses] bebem-na’

Para Fleck, esses casos caracterizam composição, sem, no entanto, haver mudanças fonológicas nas partes do composto. O autor também reporta que o único uso produtivo da forma *ua* se dá com verbos emprestados do Espanhol, como no exemplo de *bendeua* ‘vender’ < ‘vender' (Esp.). Esse uso, no entanto, não acrescenta algum significado ao verbo espanhol (p. 394-395).

Em termos de semântica causativa, o resultado obtido por meio do uso da forma *ua* em verbos intransitivos como os apresentados acima codifica tanto o causativo direto quanto indireto (FLECK, 2003, p. 395). Comparem-se as construções seguintes com o adjetivo *uidɨn* causativizado com *ua*. Em (141), a semântica causativa é direta com o causado segurando as flechas com suas próprias mãos e, em (142), o causativo é indireto, em que está envolvido um “método” mais complexo de manter algo no lugar desejado.

(141) bed-ø cain-shun bed-ø se-me-enda

pegar-IMPER esperar-depois:S/A>A pegar-IMPER furar-CAUS-NEG.IMPER

pia uidɨnua-ta

flecha segurar-IMPER

'Grab them! Grab them after waiting! Don't let them shoot you! Hold (his) arrows!'

'Peguem eles! Peguem eles depois de esperar! Não deixem eles atirarem em vocês! Segurem (suas) flechas!'

(142) ad-shun-bi cueste-n uidɨnua-e-c

fazer.então-depois:S/A>A-EMPH vareta-INSTR segurar-NPAST-INDIC

ayash-ø tane-quin

videira.sp-ABS amarrar-mesmo.instante:S/A>A

'Then, they secure the ayash vine in place with a stick, tying it'

'E então, eles protegem a videira com uma vareta, amarrando-a'

Ademais, nem sempre a forma *ua* em verbos transitivos expressa uma situação causativa, mas sim o que Fleck chama de aplicativo lexical, em que o sujeito da contraparte intransitiva é correferente com o agente da contraparte transitiva, como em *shubi* 'chorar' x *shubinua* 'chorar por alguém'. Além disso, o causativo produtivo em Matses {-me} pode ser usado com esses verbos. Dessa forma, a distribuição de *ua* é a seguinte: quando utilizado com verbos intransitivos pacientes, o resultado é um verbo lexical causativo e, em verbos intransitivos ativos, obtém-se um verbo lexical aplicativo.

A conclusão de Fleck quanto à forma *ua* é a de que sua gama de significados causativos, direto e indireto, é consistente com o fato de que causativos lexicais geralmente estão associados à codificação do tipo direto de semântica causativa, enquanto formas gramaticais, como causativos morfológicos, se alinham ao tipo indireto. Se, de um lado, consideram-se as construções verbo + *ua* como pares supletivos, e, de outro, essa mesma forma parte de uma composição junto a nomes e adjetivos como causativos morfológicos e produtivos, então a correlação apontada acima se mantém (p. 395).

Em Kashibo-Kakataibo, encontramos pares supletivos formalmente não relacionados, e também relacionados, que expressam uma relação causativa. Em todos eles, a versão transitiva desses pares supletivos expressa um causativo do tipo direto. Isso também confirma o pressuposto de que causativos lexicais, isto é, verbos transitivos com semântica causativa, codificam o tipo direto. Vejam-se os exemplos de raízes formalmente não relacionadas (ZARIQUIEY, 2011, p. 691):

(143a) bama- '*die'/ 'morrer'*

(143b) rë- *'kill'/ 'matar'*

(144a) kwan- *'go'/ 'ir'*

(144b) buan- *'carry'/ 'levar'*

As formas relacionadas formalmente são bases terminadas em /t/ e /n/ (ZARIQUIEY, 2011, p. 690-691):

(145a) tsó-t- *'to sit down, to live'/ 'sentar-se'*

(145b) tsó-n- *'to seat'/ 'sentar'*

(146a) ërë-t- *'to burn'/ 'queimar'*

(146b) ërë-n- *'to light'/ 'acender'*

e, também, bases terminadas em /ki/ e /ka/ (ZARIQUIEY, 2011, p. 693):

(147a) ës-ki- *'to get dry'/ 'ficar seco'*

(147b) ës-ka- *'to dry'/ 'secar'*

Já dissemos que o morfema {-mi} é um causativo geral em Kashibo, e, portanto, codifica os causativos direto e indireto, sempre e somente se a única opção de causativização disponível for esse morfema. Quando, entretanto, há mais de uma possibilidade, como é o caso das raízes transitivas acima, consideradas causativos lexicais, o causativo morfológico se alinha ao tipo indireto.

Repetimos, a seguir, alguns dos verbos supletivos já mencionados, na sua versão transitiva e intransitiva, tanto aqueles com segmento final {-t} e {-n} ou {-ki} e

{-ka} e, também, a forma causativizada com {-mi}. A versão transitiva é a que codifica o tipo direto, enquanto a versão intransitiva causativizada com {-mi}, o tipo indireto. É interessante observar que, diferentemente da afirmação de Shibatani e Pardeshi (2002, p. 86)[20], de que verbos intransitivos inativos não apresentam uma versão transitiva causativizada, o idioma Kashibo-Kakaitabo possui tanto a versão transitiva lexical, assim como a causativizada (ZARIQUIEY, 2011, p. 690-693).

(148a)	bama-	*'die'/ 'morrer'*
(148b)	rë-	*'kill'/ 'matar'*
(148c)	bama-mi	*'let someone die'/ 'deixar alguém morrer'*
(149a)	tsó-t-	*'to sit down'/ 'sentar-se'*
(149b)	tsó-n-	*'to seat'/ 'sentar'*
(149c)	tsó-t-mi-	*'invite someone to sit down'/ 'convidar alguém para se sentar'*
(150a)	ës-ki-	*'to get dry'/ 'ficar seco*
(150b)	ës-ka-	*'to dry'/ 'secar'*
(150c)	ës-ki-mi-	*'to wait until something get dry'/ 'esperar até que (algo) seque'*

O idioma Shipibo-Konibo também apresenta raízes verbais que codificam um tipo mais direto de causativo. Um teste aplicado para verificar essa afirmação é a detransitivização dessas raízes por {-t}, cujo resultado pode ser transitivizado com {-ma}. Dessa operação resulta um causativo indireto. Comparamos a raiz *payo-* 'fazer parecer velho' em (151a) e (151b) (VALENZUELA, 2002, p. 457):

(151a)	e-n-ra	chopa	payo-ke
	1-ERG-EV	roupas:ABS	fazer.algo.parecer.velho-CMPL
	'I wore out my clothes' (through the normal daily use)		
	'Eu desgastei minhas roupas' (usando-as no dia a dia)		

[20] Estamos nos referindo à seguinte passagem em Shibatani e Pardeshi (2002, p. 86): "Verbos intransitivos inativos tendem a ter um verbo transitivo correspondente (causativo lexical), mas não uma forma causativa e passiva. Verbos intransitivos ativos, por outro lado, têm uma contraparte transitiva somente esporadicamente. Tal como verbos transitivos, eles derivam tanto formas causativss como passivas regularmente".

(151b) e-n-ra chopa payó-ma-ke

1-ERG-EV roupas:ABS fazer.algo.parecer.velho:DTRNZ-CAUS-CMPL

'I let my clothes become worn out' (by not taking appropriate care of them, by leaving them for too long in the water when washing, etc.)

'Eu deixei minhas roupas se tornarem desgastadas' (ao não cuidar delas, deixando-as por muito tempo na água enquanto eram lavadas etc.)

A forma *ak* 'fazer', por sua vez, parece codificar uma situação mais direta de causativo se a compararmos com {-ma}, o causativo indireto do Shipibo-Konibo (VALENZUELA, 2002, p. 454).

(152a) e-n-ra bake ani-ma-ai

1-ERG-EV criança:ABS (ficar)grande-CAUS-INC

'I make/help the child grow' (taking special care of her/him; e.g. by giving her/him special food or vitamins)

'eu fiz/ajudei a criança crescer' (cuidando dele/a, por exemplo, ao dar comida ou vitamina)

(152b) e-n-ra bake ani a(k)-ai

1-ERG-EV criança:ABS (ficar) grande fazer.T-INC

'I raised the child'

'Eu criei a criança'

Ademais, se compararmos o resultado da derivação do causativo {-n} e o tipo mais indireto {-ma}, podemos verificar que {-n} codifica a semântica direta de causatividade, como no exemplo (153b) (VALENZUELA, 2002, p. 455).

(153a) e-n-ra bake nee-ma-ke jiwi bochiki

1-ERG-EV criança:ABS no alto-CAUS-CMPL árvore acima:O

'I caused the child to go up on the tree' (e.g.: by asking her/him to do it)

'Eu fiz a criança ir para o alto da árvore' (pedindo a ela/ele que o faça)

(153b) e-n-ra bake nee-n-ke jiwi bochiki

1-ERG-EV criança:ABS acima-TRNZ-CMPL árvore alto:O

'I put the child up on the tree' (I hold the child and put it on the tree)

'Eu levantei a criança até a árvore' (eu segurei a criança e a coloquei na árvore)

Outro instrumento de codificação do tipo direto em Shipibo são raízes verbais onomatopaicas combinadas com os auxiliares *ik-* e *ak-*, que derivam, respectivamente, verbos intransitivos e transitivos, cuja leitura da parte transitiva é de um causativo indireto. Neste caso, o causado é paciente, como no caso das seguintes raízes verbais de exemplos retirados de Valenzuela (2002, p. 442).

(154) kobin ik- *''boil' (intr.)/ 'ferver-se';*
kobin ak- *'boil' (tr.)/ 'ferver';*

(155) biski ik- *'to shake oneself'/ 'sacudir a si mesmo'*;
biski ak- *'to shake something'/ 'sacudir alguma coisa'*;

(156) shee ik- *'fry' (intr.)/ 'fritar-se' (intr.)*;
shee ak- *'fry' (tr.)/ 'fritar' (tr.).*

Quanto ao Matis, em Santos (2017a), {-me} também se mostrou um causativo geral, tal como descreve Ferreira (2005). A descrição e a análise desse morfema já foram contempladas acima. Agora, descrevemos e analisamos a ocorrência de outro morfema causativo que ocorreu com verbos 'ferver' e 'crescer'. Nesses exemplos, o morfema que se anexa à raiz é um morfema que descrevemos com a estrutura {-wa}. Vejam-se os exemplos a seguir (SANTOS, 2017a, p. 198):

(157) nuki waka-Ø kɨn-wa
2.PL água-ABS ferver-fazer
'nós fervemos a água'

(158) ɨnbi bakuɨ-Ø widɨne-wa
1.SG.ERG criança-ABS crescer-fazer
'eu fiz a criança crescer'

Com isso, a questão que surge é se, de fato, estamos diante de um morfema causativo ou um verbalizador, tal como {-wa} descrito em Ferreira (2005), que, no entanto, tem escopo restrito, já que se anexa somente a nomes (159) (FERREIRA, 2005, p. 148) e adjetivos (160) (FERREIRA, 2005, p. 136):

(159) we-n nukun datonkete-ø waka-wa-a-ʂ

chuva-ERG 1SG.POSS camisa-ABS água-VBZR-PASS.REC-3.EXP

‘A chuva molhou minha camisa’

(160) nukun papi bɨda-wa-tʂakan-a-k

1SG.POSS filho-ABS bom-VBZR-INCON-PASS.REC.3:INFER.

‘Meu filho ficou quase bom’

Defendemos que a forma {-wa} é um morfema causativo, não um verbalizador. Neste sentido, a primeira prova de que estamos diante de um verbo em (157) é a partir da comparação com a construção (158), na qual a palavra /waka/ ‘água’ ocorre em (157) marcada com absolutivo, um morfema-zero {-ø} em Matis.

Além disso, poderíamos também imaginar que a palavra que recebe o morfema em questão, na verdade, é um adjetivo, ‘quente’. Dessa forma, (157), ‘nós fervemos a água’, seria melhor traduzida como ‘nós fizemos a água quente’. No entanto, /kɨn/ não é um adjetivo que recebe o sufixo {-wa}, já que ‘quente’, em Matis, é /itʃis/ (FERREIRA, 2005).

Em (158), de igual maneira, /widɨne/ não é o adjetivo ‘alto’, o que resultaria numa tradução como ‘eu fiz a criança ficar no alto’, pegando-a nos braços e suspendendo-a, por exemplo. Isso porque ‘alto’, em Matis, é /ʂunuN/ (FERREIRA, 2005).

Portanto, o morfema que se anexa aos verbos *kɨn* ‘ferver’ e *widɨne* ‘crescer’ pode ser analisado como um causativo do tipo morfológico. Ademais, dada a restrição que esse morfema apresenta, podemos, por meio da semântica das raízes à qual ele se anexa, postular que sua ocorrência, em raízes verbais, se limita a verbos de mudança de estado, isto é, verbos incoativos com significado ‘ficar X’, em que X é a propriedade denotada pelo verbo.

Em termos de semântica causativa, as derivações resultantes do morfema {-wa} anexado a ‘ferver’ e ‘crescer’ parecem estar mais relacionadas com o tipo direto, haja vista que o causado dessas construções é sempre paciente, o que configura esse tipo semântico, quando a manipulação física é utilizada para se obter o resultado do evento descrito pelo verbo. Isso é perfeitamente observável quando se trata de ‘fazer a água ficar quente’, por exemplo.

Em Chácobo, encontramos pares supletivos formalmente similares descritos por Zingg (1998, p. 4) como ambitransitivos:

(161a) himaʔaina (intr.) *'temblar'/ 'agitar'*

(161b) himaʔaina (tr.) *'asar, freír'/ 'assar, fritar'*

Já em Zingg (1998, p. 9) e Tallman (2013a) é encontrada a forma {-wa}. Para Zingg, trata-se de um morfema com definição de 'fazer com que tenha a qualidade de (X)', sendo X a raiz a qual esse morfema se anexa. Vejamos os exemplos do autor (ZINGG, 1998, p. 9):

(162a) ʃoma *'suerte'/ 'sorte'*

(162b) ʃoma-wa-ʔaina *'bendecir'/ 'bendizer'*

(163a) hoʂo *'blanco'/ 'branco'*

(163b) hoʂo-wa-ʔaina *'blanquear'/ 'branquear'*

Nas palavras de Tallman, {-wa} é um morfema derivacional de transitividade pouco produtivo: não ocorre com a maioria dos verbos e se restringe a algumas palavras. Dentre os exemplos de Zingg, encontramos um nome e um adjetivo. Em Tallman, temos exemplos com verbos em (164), (165), (166) e (167) (TALLMAN, 2013a, p. 11-12):

(164) tʃuʂa-ɨ-wa-kɨ

quebrar-1SG-TRNZ-CMPL

'Yo lo destrocé'

'Eu o destrocei' (lit. eu fiz ele quebrar)'

(165) habi-ha-kɨ

aprender-3-CMPL

'Él aprendió'

'Ele aprendeu'

(166) habi-wa-kɨ

aprender-3-TRNZ-CMPL

‘Él lo enseñó’

‘Ele o ensinou’ (lit. ele o fez aprender)’

(167) **habi-ha-wa-(wa)-kɨ

aprender-3-TRNZ-(TRNZ)-CMPL

‘Él aprendi’

‘Ele aprendeu’

Por hora, nossa análise é a seguinte: dado que verbos intransitivos inativos geralmente têm uma contraparte causativa realizada em um verbo lexical transitivo, e não derivam causativas ou passivas, os exemplos de Tallman (op. cit.) com o verbo ‘quebrar’ e com o verbo ‘ensinar’ só podem ser entendidos como intransitivos ativos, já que permitem derivações causativas, comportamento, em geral, exibido por esses intransitivos. Além disso, nessas derivações, o causado é paciente. Isso encontra respaldo nos exemplos de Zingg (1998), nos quais o morfema {-wa} ocorre somente a nomes e adjetivos. Portanto, {-wa} parece estar relacionado a um causativo que só deriva verbos incoativos do tipo ‘ficar X’, em que o causado é sempre paciente, o que indica uma semântica direta nas derivações resultantes da causativização com esse morfema.

De Paula (2004) descreve uma forma {-ua} em Yawanawá traduzida como ‘fazer’, tal como nos seguintes exemplos (168) (p. 137) e (169) (p. 133):

(168)	auin-hu-nɨn	a-uan	pani-ø	kɨi-ua-ma
	mulher-FOC-ERG	3-POS	rede-ABS	acabar-fazer-NEG
	‘a mulher não acabou de fazer a rede dela’			(DE PAULA, 2004, p. 137)

(169)	nukɨβɨnɨ-n	pɨʃɨ-ø	ua-mɨn	
	homem-ERG	casa-ABS	fazer-INT	
	‘o homem fez a casa?’			(DE PAULA, 2004, p. 133)

Com base na semântica dessas orações, é indubitável que o morfema {-ua} não pertença ao tipo direto de causativo, já que ‘fazer uma rede’, como em (168), ou

‘fazer uma casa’, como (169), só podem ser entendidos numa situação de causativo direto.

O Saynáwa, em Couto (2015), também apresenta um causativo do tipo direto realizado sob a forma {-ma}. É a única forma de estrutura {-mV} que encontramos no nosso *corpus* codificando o tipo direto, e não o indireto. Veja-se o exemplo (170) (p. 355 et alli.):

(170)	ə-N	tʃitʃi-N	ə-a	uʃa-ma-ni-ki
	1SG-POSS.ATR	avó-ERG	1SG-ABS	dormir-CAUS.DIR-PAS4-ASSE

'Minha avó me colocou para dormir' (Lit.: 'Minha avó me colocou para dormir [há vários dias].')

Outro morfema que, aparentemente, codifica o tipo direto é {-N}, glosado como “causativo associativo supervisão”, no entanto, sem maiores informações no trabalho do autor. Vejamos o único exemplo em (171) (p. 46 et alii.):

(171)	bari	bətsa-ki -ɾa$_{op1}$	ə-N	pitʃa-N-kiN
	verão	irmão-ASSE-FOC	1SG-ERG	cozer-CAUS.ASSO.SUP-NMLZ

tapiN-ni-ki$_{op2}$

aprender-PAS4-ASSE

'Há um ano, eu aprendi a cozinhar' (Lit.: 'É verão irmão. Eu aprendi [há vários dias] a tornar algo cozido')

Por fim, o Yaminahua (FAUST e LOOS, 2002) apresenta pares supletivos que se diferenciam somente pelo acento e tom alto que as sílabas das raízes verbais portam. Assim, raízes intransitivas portam acento e tom alto na primeira sílaba, enquanto raízes transitivas levam acento e tom alto nas duas primeiras sílabas. É a única língua na qual a supleção é realizada por meio de suprassegmento. Mostramos um exemplo desse tipo com as raízes *pake* [páké-] ‘fazer (outro) cair’ e [páke-] ‘cair-se’ (FAUST e LOOS, 2002, p. 102-103):

(172)	Na	fakẽ	kirika	páké-a
	esta	criança-(ERG)	livro	fazer.cair-COMP

‘Este niño hizo caer el libro’ (lit.: Lo dejó caer)

‘esta criança fez o livro cair’ (lit.: ‘o deixou cair’)

(173)	Na	fake	nii-ax	mã	páke-a
	esta	criança	parar-PARTAP	já	cair-COMP
	‘Este niño al pararse, se cayó’				
	‘esta criança ao parar, caiu’				

O próximo exemplo esclarece perfeitamente a semântica desse supletivo, já que a única possibilidade virtual de uma mãe levantar o bebê seria levando-o ao alto com as mãos com o verbo [fíní] ‘levantar’ em (174).

(174)	Afã	fíní-a	afẽ	fake
	sua.mãe	levantar-COMP	seu	bebê
	‘La mamá levantó a su bebé’			
	‘A mãe levantou o seu bebê’			

CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou uma tipologia de causativos a partir de um conjunto de 12 línguas Pano. Em princípio, identificamos os tipos formais de causativos encontrados nesse conjunto. Vimos que o tipo morfológico é comumente encontrado sob uma forma cognata {-mV} em todas as línguas, em que V é preenchido por uma vogal, geralmente /a/, mas também /e/, caso do Matis e Matses, e /i/, como em Kashibo-Kakataibo. Além desse morfema, o causativo morfológico é expresso por {-(a)n}, a exemplo do Cachinawa, Shipibo-Konibo e Yaminahua, mas também {-N} em Sayanáwa, {-man} em Cachinawa e {-anmɨs} em Matses.

O causativo perifrástico é encontrado em apenas três (3) línguas, que são Cachinawa, Matses e Shipibo-Konibo. Em todas essas línguas, uma forma verbal independente, cujo significado é ‘fazer’, se justapõe ao verbo principal, mas também a um adjetivo ou nome, caso do Matses e Shipibo-Konibo e, nesta, também a advérbio e a posposição.

O causativo lexical ocorre em Chácobo, Kashibo-Kakataibo, Matses, Shipibo-Konibo e Yaminahua. Em geral, são raízes supletivas formalmente não relacionadas, como o par ‘morrer’ e ‘matar’, mas também raízes cujas formas são quase similares, a exemplo daquelas terminadas em /ki/ e /ka/, em Kashibo-Kakataibo ou *que* /ke/ e ca /ka/ em Matses.

Ademais, analisamos se a correlação entre o tipo lexical com a noção de causativo direto, e o tipo morfológico e perifrástico com o causativo indireto se sustentava, tal como proposta por Shibatani e Pardershi (2002). Vimos que essa correlação é quase sempre irreparável, com algumas exceções: o causativo indireto é obtido por uma forma verbal independente *wa* ‘fazer’ em Cachinawa; por raízes supletivas formalmente relacionadas e terminadas em *que* /ke/ e *ca* /ka/ no Matses. Já a não correspondência quanto ao causativo direto é encontrada em Chácobo, Matis e Shanenawa, todas com um morfema {-wa} codificando esse tipo semântico, enquanto Shipibo-Konibo e Yaminahua têm {-n} e o Saynáwa um arquifonema {-N}.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. *Rã-txa hu-ni-ku-ĩ: a lingua dos caxinauás do Rio Ibuaçu affluente do Muru*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1914.

AGUIAR, Maria Suelí. *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. 405 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 1994.

BARBOSA, Raphael A. O. *Aspectos tipológicos na formação de palavras em um grupo de línguas Pano*. 111f. Dissertação (Mestrado em Linguística - IEL/UNICAMP). Campinas/SP, 2012.

BARBOSA, Raphael A. O. Uma proposta preliminar para o sistema consonantal da língua Kasharari (Pano). *Estudos Linguísticos*, n. 44, v. 1, jan-abr. 2015. p. 202-216.

BARBOSA, Raphael A. de O. *Gramaticalização do sincretismo de casos em línguas da família Pano*. 96 f. Tese (Doutorado em Linguística - IEL/UNICAMP). Campinas/SP, 2017.

BRINTON, Daniel G. *The American race: a linguistic classification and ethnographic description of the native tribes of North and South America*. New York: Hodges Publisher, 1891.

CAMARGO, Eliane. *Phonologie, morphologie et syntaxe: étude descriptive de la langue caxinawa (Pano)*. Tese (Doutorado em Linguística – Université Paris IV). Paris/França, 1991.

CAMARGO, Eliane. Agentivité grammaticale et agentivité intrinsèque: aspects de l'ethnosyntaxe cachinawa (pano). *Ateliers d'anthropologie*, n. 39, v. II, 2013. p. 1-31.

CÂNDIDO, Gláucia V. *Aspectos fonológicos do Shanenawá (Pano)*. 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística - IEL/UNICAMP). Campinas/SP, 1998.

CÂNDIDO, Gláucia V. *Descrição Morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. 264 f. Tese. (Doutorado em Linguística - Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNICAMP). Campinas/SP, 2004.

CARVALHO, Carmém Teresa Dorigo de. *A decodificação da estrutura frasal em Matses (Pano)*. 187 f. Dissertação (Mestrado em Linguística - UFRJ). Rio de Janeiro/RJ, 1992.

COMRIE, Bernard. Causatives and universal grammar. *Transactions of the Philological Society*, 1974. p. 1-32.

COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology*. 2 ed. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

COSTA, Raquel G. R. *Aspectos da fonologia Marubo (Pano): uma visão não-linear*. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística - UFRJ). Rio de Janeiro/RJ, 2000.

COUTO, Cláudio A. C. *Análise fonológica do Saynáwa (Pano) - a língua dos índios da T.I. Jaminâwa do Igarapé Preto*. 221 f. Dissertação (Mestrado em Linguística - UFPE). Recife/PE, 2010.

COUTO, Cláudio A. C. *A fonologia do Saynáwa (Pano): a língua falada pelos índios Saynáwa/Jaminâwa da Terra Indígena Jaminâwa do Igarapé Preto*. 401 f. Tese (Doutorado em Linguística - Vrije University). Amsterdã/Holanda, 2015.

COUTO, Cláudio. A. C. A influência da prosódia sobre o sistema vocálico da língua saynáwa (pano). *Amerindia*, v. 39, n. 1, 2016. p. 53-82.

CRÉQUI-MONTFORT, G. de; RIVET, P. Les dialectes Pano de Bolivie. *Le Muséon*, Louvain, v. 14, 1913, p. 19-78.

CREISSELS, Denis. *Syntaxe générale: une introduction typologique 2*. Paris: Hermes Science Publications, 2006.

CRUVINEL, Agmar A. *Fonética e fonologia do Jaminawa do Brasil (Pano)*. 82 f. Dissertação (Mestrado em Linguística - UFGo). Goiânia/GO, 2013.

CUNHA, Carla Maria. *A morfossintaxe da língua Arara (Pano) do Acre*. 172 p. Dissertação (Mestrado em Linguística - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco). Recife/PE, 1993.

d'ANS, André-Marcel. Reclasificación de las lenguas pano y datos glotocronológicos para la etnohistoria de la Amazonía Peruana. *Revista del Museo Nacional*, Lima, v. 39, 1973, p. 349-69.

d'ANS, Marcel. Étude glottochronologique de neuf langues Pano. *Actas del XL Congreso Internacional de Americanistas* 3, 1975, p. 87-97.

DIXON, Robert. M. W. *Ergativity*. Cambridge Studies in Linguistics 69. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DIXON, Robert. M. W. A typology of causatives. In: AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, Robert. M. W (orgs.). *Changing Valency: Cases studies in transitivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 30-83.

ELLÍAS-ULLOA, José. *Theoretical aspects of Panoan metrical phonology: disyllabic footing and contextual syllable weight*. 274 f. Tese (Doutorado em Linguística - Rutgers University). New Brunswick/New Jersey, EUA, 2006.

ENKOW, Carola. Araona. In: CREVELS, Mily; MUYSKEN, Pieter (eds.). *Lenguas de Bolivia: Amazonía*. Tomo II. Bolívia: Plural Editores, 2012. p. 155-189.

ERIKSON, Philippe. Uma singular pluralidade: a etno-história Pano. In: CUNHA, Maria. C. (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 239-52

FABRE, A. *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos. Pano-Takana*. Disponível em: <http://butler.cc.tut.fi/~fabre/BookInternetVersio/Dic=PanoTakana.pdf>. 2005.

FAUST, Norma; LOOS, Eugene E. *Gramática del idioma Yaminahua*. Peru: Instituto Lingístico de Verano, 2002.

FERREIRA, Rogério V. *Língua Matis: aspectos descritivos da morfossintaxe*. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística - IEL/UNICAMP). Campinas/SP, 2001.

FERREIRA, Rogério V. *Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical*. 316 f. Tese (Doutorado em Linguística - Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNICAMP). Campinas/SP, 2005.

FLECK, David W. Culture-specific notions of causation in Matses grammar. *Journal de la société des américanistes,* n. 87, fev. 2001. p. 1-18.

FLECK, David W. Causation in Matses (Panoan, Amazonian Peru). IN: SHIBATANI, Masayoshi (ed.). *The grammar of causation and interpersonal manipulation*. Typological Studies in Language. N. 48. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 373-415.

FLECK, David W. *A grammar of Matses*. 1257 f. Tese [Doutorado em Linguística - Rice University]. Houston/Texas, EUA, 2003.

FLECK, David W. *Panoan language and linguistics*. Anthropological Papers of the American Museum of Natural History. v. 99. New York, 2013.

GARCIA, Mariana de Souza. *Estudo linguístico Yawanawá*. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística - UFGo). Goiânia/GO, 2002.

GIRARD, Victor J. *Proto-takanan phonology*. Berkeley: UCPL, 1971.

GIVÓN, Talmy. *Syntax*. v. 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 2001.

GONZÁLEZ, Carolina. *The effect of stress and foot structure on consonantal processes*. 374 f. Tese (Doutorado em Linguística - University of Southern California). Los Angeles/California, EUA, 2003.

GONZÁLEZ, Carolina. Rhythmicity in three panoan languages. *Anuario del Seminario de Filología Vasca "Julio de Urquijo"*, n. 37, v. 1, 2003b. p. 85-137. Disponível em: http://www.ehu.eus/ojs/index.php/ASJU/article/view/8855/8011.

GONZÁLEZ, Carolina. Phonologically-conditioned allomorphy in panoan: towards an analysis. *UCLA Working Papers in Linguistics*, n. 11, set. 2005a. p. 39-56.

GONZÁLEZ, Carolina. Segmental alternations in Yaminahua. *Proceedings of the 24th West Coast Conference on Formal Linguistics*, Somerville/MA, 2005b. p. 155-163.

GONZÁLEZ, Carolina. Tipología de los sistemas métricos de veinticinco lenguas Pano. *Amerindia*, n. 39, v. 1, 2016. p. 129-176.

GREENBERG, Joseph. H. Some Universals of Grammar with Particular Reference of the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J. H. (ed.). *Universals of Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1966. p. 73-113.

GREENBERG, Joseph. H. *Universals of Human Language*. v. 4. Palo Alto, CA: Stanford University Press, 1978.

GREENBERG, Joseph. H. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

GUILLAUME, Antoine. Cavineña. In: CREVELS, Mily; MUYSKEN, Pieter (eds.). *Lenguas de Bolivia: Amazonía*. Tomo II. Bolívia: Plural Editores, 2012. p. 115-154.

GUILLAUME, Antoine. Sistemas complejos de movimiento asociado en las lenguas Takana y Pano: perspectivas descriptiva, tipológica y histórico-comparativa. *Amerindia*, v. 39, n. 1, 2016. p. 211-261.

GUIRARDELLO, Raquel. *A reference grammar of Trumai*. 513 p. Tese (Doutorado em Linguística - Rice University). Houston/Texas, EUA, 1999.

HAIMAN, John. *Natural Syntax: Iconicity and Erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea D. Morphology and Valence. In: _____. *Understanding Morphology*. 2 ed. London: Hodder Education, 2010. p. 234-264.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico de 2010: características gerais dos indígenas*. Rio de Janeiro, 2010.

INSTITUTO SÓCIO-AMBIENTAL (ISA). Povos Indígenas do Brasil: Huni Kuin (Kaxinawá). Aba localização. Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/. Acessado em: 4 set. 2017.

KEY, Mary. R. *Comparative tacanan phonology: with cavineña phonology and notes on Pano-Tacanan relationship*. The Hague: Mouton, 1968 [1963].

LA GRASSERIE, Raul de. De la famille linguistique Pano. *Actas del VII Congreso Internacional de Americanistas*. Berlin, 1890 [1888]. p. 438-50.

LANES, Elder J. *Aspectos da mudança linguística em um conjunto de línguas amazônicas: as línguas Pano*. 82 f. Tese (Doutorado em Linguística - UFRJ). Rio de Janeiro/RJ, 2005.

LOOS, Eugene. E. La señal de transitividade del sustantivo en los idiomas Pano. In: *Estudios Panos I*. 2 ed. SLP 10. 1978 [1973a]. p. 133-184.

LOOS, Eugene E. La construcción del reflexivo en los idiomas panos. In: *Estudios Pano II*. 2 ed. SLP 11: 1985 [1973b]. p. 161-261.

LOOS, Eugene. E. Algunas implicaciones de la reconstrucción de um fragmento de la gramática del proto-pano. In: *Estudios Pano II*. 2 ed. SLP 11: 1985 [1973c]. p. 263-82.

LOOS, Eugene. E. Rasgos sintático-fonémicos en la historia lingüística de los idiomas de la familia Pano*. Lingüística e Indigenismo Moderno de América*. Lima: IEP: 1975. p. 181-4.

LOOS, Eugene. E. Pano-tacanan morpho-syntax. *Amazon Languages Seminar*. Portland, Oregon, 1987.

LOOS, Eugene. E. Un breve estudio de la gramática del proto-pano. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, Lima, v. 11, 2005. p. 37-50.

LOOS, Eugene E. Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (eds). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press., 1999. p. 227-50.

LOOS, Eugene E.; LOOS, Betty. *Diccionario Capanahua-Castellano*. Peru: Instituto Linguístico de Verano, 2003 [1998].

LOUKOTKA, Čestmír. Klassifikation der südamerikanischen Sprachen. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 74, v. 1, 1942. p. 1-69.

MASON, J. Alden. Handbook of South American Indians. The languages of South America Indians. In: STEWARD, Julian H. (ed.). *Physical Anthropology, linguistics, and cultural geography of South American Indians*. Washington/DC: Government Printing Office, 1950. p. 157-317.

MCQUOWN, Norma. The indigenous languages of Latin America. *Journal of American Anthropologist*, n. 57, v. 3, 1955. p. 501-570.

MITHUN, Marianne. Active/agentive case marking and its motivations. *Language*, v. 67, n. 3, Set. 1991. p. 510-546.

OLIVEIRA, Sanderson. C. S. Tese. *Contribuições para a reconstrução do Proto-Páno* (Doutorado em Linguística - Universidade de Brasília). Brasília/DF, 2014.

NEDJALKOV, V.P.; SIL'NICKIJ, G.G. Typology of morphological and lexical causatives. In: A. A. Xolodovic. *Tipologija Kauzativnyx Konstrukcyi; Morfologi˘ceskij Kauzativ*. Leningrad: Nauka, 1969. p. 20-50.

DE PAULA, Aldir S. de. *Poyanáwa, a língua dos índios da aldeia Barão: aspectos fonológicos e morfológicos*. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística - UFPE). Recife/PE, 1992.

DE PAULA, Aldir Santos. *A língua dos índios Yawanawá do Acre*. 302f. Tese (Doutorado em Linguísitca - Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNICAMP). Campinas/SP, 2004.

DE PAULA, Aldir Santos. Os processos de negação e causatividade em Puyanáwa e Yawanáwa (Pano). *Revista do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste)*, v. 10, n. 2, 2008. p. 477-479. Disponível em: file:///C:/Users/Administrador/Downloads/12155-35856-1-PB.pdf.

RIBEIRO, Lincoln. A. A. Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano. *Revista Investigações. Lingüística e Teoria Literária*, Recife, v. 19. n. 2, 2006, p. 157-82.

RIVET, Paul. Sur quelques dialectes Pano peu connus. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, n. 7, 1910. p. 221-242.

RIVET, Paul; LOUKOTKA, Čestmír. Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, Antoine; COHEN, Marcel (eds.). *Les langues du monde*. Paris: Société Linguistique de Paris, 1952. p. 673-676.

RIVET, Paul; TASTEVIN, Constantin. Les dialectes Pano du haut Juruá et du haut Purús. *Anthropos*, n. 22, 1927. p. 811-827

SANTOS, Wesley N. Aspectos morfossintáticos da causatividade em um grupo de línguas Pano. *Anais do V Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários da Amazônia* (V CIELLA), UFPA, 2016.

SANTOS, Wesley N. Causatividade em Matis. *Ribanceira,* Belém/PA, n. 11, v. 1, ago./dez. 2017a. p. 194-200. Disponível em: https://paginas.uepa.br/seer/index.php/ribanceira/article/view/1267.

SANTOS, Wesley N. O desenvolvimento histórico de /b/ e /d/ em Arara/Shawã (Pano). *Domínios de Lingu@gem*. Artigo aceito para o n. 4, v. 11, 2017b.

SANTOS, Wesley N.; CÂNDIDO, Gláucia V. Projeto de reconstrução histórica da família Pano: uma visão geral dos resultados alcançados. *Web-Revista SOCIODIALETO*, n. 15, v. 5, maio 2015, p. 270-298. [ISSN 2178-1486]. Disponível em: http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/20/12062015124630.pdf.

SCHMIDT, Wilhelm. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*. Heidelberg: C. Winter, 1926.

SCHULLER, R. The language of the Tacana indians (Bolivia). *Anthropos*, v. 28, 1933.

SEKI, Lucy. A linguística indígena no Brasil. *DELTA*, número especial, v. 15, 1999. p. 257-290.

SHELL, Oliver. A. Las lenguas pano y su reconstrucción. In: *Estudios panos III*. 2 ed. (Serie Lingüística Peruana, 12.) Serie Lingüística Peruana. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1985 [1965].

SHIBATANI, Masayoshi. *A Grammatical Study of Causative Constructions*. Tese. [Doutorado em Linguística] - Universidade da Califórnia Berkeley. Berkeley, 1975 [1973].

SHIBATANI, Masayoshi. *The Grammar of causative constructions*. Syntax and Semantics 6. New York: Academic Press, 1976.

SHIBATANI, Masayoshi; BYNON, Teodora. *Approaches to Language Typology*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

SHIBATANI, Masayoshi; PARDESHI, Prashant. The causative *continuum*. In: SHIBATANI, Masayoshi (ed.). *The grammar of causation and interpersonal manipulation*. Typological Studies in Language. N. 48. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 85-126.

SILVA, Eclenir. *Um estudo sobre a fonologia da língua Mastanawa (Pano)*. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística - IEL/UNICAMP). Campinas/SP, 2013.

SOUSA, Gladis C. *Aspectos da fonologia da língua Kaxarari*. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguística - IEL/UNICAMP). Campinas/SP, 2004.

SOUZA, Emerson C. *Aspectos de uma gramática Shawã (Pano)*. 154 f. Tese (Doutorado em Linguística - UNICAMP). Campinas/SP, 2012.

SOUZA, Livia C. S. T. *Fonologia, morfologia e sintaxe das expressões nominais em Yawanawá (Pano)*. 156 f. Dissertação [Mestrado em Linguística - Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ]. Rio de Janeiro/RJ, 2013.

SPANGHERO, Vitória R. *Língua Matis (Pano): uma análise fonológica*. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística - IEL/UNICAMP). Campinas/SP, 2000.

TALLMAN, Adam J. La prosodia de la frase verbal en chacobo (pano). *Comunicação oral em Powerpoint apresentada no CILLA*, 26 ago. Austin/Texas, 2013a.

TALLMAN, Adam J. Truncation in Chácobo: syntatic or prosodic phenomenon? *Comunicação oral em Powerpoint apresentada no LARGA*, 22 set. 2013b.

TALLMAN, Adam. A metrical analysis of nouns in Chácobo (Pano). *Amerindia*, v. 39, n. 1, 2016. p. 105-128.

TESSMANN, Günter. *Los indios del Perú nororiental. Investigaciones fundamentales para un estudio sistemático de la cultura*. Quito: Abya Yala, 1999 [1930].

VALENZUELA, Pilar M. *Basic verb types and argument structure in Shipibo-Konibo*. 165 f. Dissertação. [Mestrado em Artes - University of Oregon]. Oregon, EUA, 1997.

VALENZUELA, Pilar M. Causativization and transitivity in Shipibo-Konibo. IN: SHIBATANI, Masayoshi (ed.). *The grammar of causation and interpersonal manipulation*. Typological Studies in Language. N. 48. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 417-483.

VALENZUELA, Pilar M. *Transitivity in Shipibo-Konibo Grammar*. 1029 f. Tese [Doutorado em Linguística - University of Oregon]. Oregon, 2003.

VALENZUELA, Pilar. M.; GUILLAUME, Antoine. Estudios sincrónicos y diacrónicos sobre lenguas Pano y Takana: una introducción. *Amerindia*, n. 39, v. 1, 2016. p. 1-49.

VUILLERMET, Marine. Ese Ejja. In: CREVELS, Mily; MUYSKEN, Pieter (eds.). *Lenguas de Bolivia: Amazonía*. Tomo II. Bolívia: Plural Editores, 2012. p. 71-114.

GUILLAUME, A (orgs.). Estudios sincrónicos y diacrónicos sobre lenguas Pano y Takana. *Amerindia*, n. 39, v. 1, 2016. p. 1-49.

ZARIQUIEY, Roberto B. *Hacia una reconstrucción del sistema personal del Proto-Pano. Aspectos fonológicos y morfológicos*. Dissertação (Mestrado em Linguística - Pontificia Universidad Católica del Perú). Lima/Peru, 2006.

ZARIQUIEY, Roberto Biondi. *A grammar of Kashibo-Kakataibo*. 857 f. Tese [Doutorado em Linguística - La Trobe University]. Bundoora/Vitoria, Austrália, 2011.

ZARIQUIEY, Roberto; VASQUÉZ, Alonso; TELLO, Gabriela. Lenguas y dialectos pano del Purús: una aproximación filogenética. *Lexis*, n. 41, v. 1, 2017. p. 83-120. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?pid=S0254-92392017000100003&script=sci_arttext&tlng=pt. Acessado em: 11 Ago 2017.

ZINGG, Philipp. *Diccionario Chacobo-Castellano, Castellano-Chacobo con bosquejo de la gramatica Chacobo y apuntes culturales*. La Paz/Bolivia: MDSP/VAIPO/MECP/CPIB, 1998.